



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

DAVID DOS SANTOS LIMA

**IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE
QUILOMBOLA QUEIMADAS, CODÓ - MA, BRASIL**

CODÓ - MA
JANEIRO, 2024

DAVID DOS SANTOS LIMA

**IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE
QUILOMBOLA QUEIMADAS, CODÓ - MA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como parte integrante dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

CODÓ - MA
JANEIRO, 2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lima, David dos Santos.

IDENTIDADE QUILOMBOLA : UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE
QUILOMBOLA QUEIMADAS, CODÓ - MA, BRASIL / David dos Santos
Lima. - 2024.

106 p.

Orientador(a): Jascira da Silva Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, MA,
2024.

1. Comunidade. 2. Identidade quilombola. 3. Memória.
4. Territorialidade. I. da Silva Lima, Jascira. II.
Título.

**IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE
QUILOMBOLA QUEIMADAS, CODÓ - MA, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura
Interdisciplinar em Ciências Humanas/História
da Universidade Federal do Maranhão, Centro
de Ciências de Codó, como parte integrante dos
requisitos obrigatórios para obtenção do título
de Licenciado em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

Aprovada em: 26/01/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jascira da Silva Lima (orientadora)
Centro de Ciências de Codó – CCCO
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Aniceto Cantanhede Filho
Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Centro de Ciências de Codó - CCCO
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos deuses, aos universos e a todos aqueles que me antecederam. Estes me permitiram existir e chegar até aqui.

Agradeço aos meus familiares. Principalmente a minha tia Francisca Cardoso de Lima e a minha avó Maria Cardoso de Lima por todo o apoio e pelo suporte que me deram durante o curso, assim como para a realização deste trabalho. Mulheres incríveis que me criaram e sempre me incentivaram durante a minha trajetória. A pessoa que vos fala certamente não existiria sem elas.

Agradeço a todos os quilombolas da comunidade que participaram deste trabalho. Quilombolas que me receberam carinhosamente em suas casas desde o primeiro contato. Por tal, serei eternamente grato pelo tempo que me concederam, as participações e as conversas. Muito obrigado.

Agradeço a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Codó (CCCO), por proporcionar a realização deste curso. Ainda lembro que no momento em que fiquei sem notebook, escrevi grande parte deste trabalho no laboratório de informática, um ambiente agradável e precioso - ainda mais com as altas temperaturas na cidade.

Agradeço ao corpo docente do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/ Histórias, no âmbito da UFMA/CCCO, por todos os ensinamentos, conselhos, suporte e pela paciência, que detiveram comigo e o meu processo de aprendizado.

Agradeço à professora Dra. Jascira da Silva Lima, por aceitar ser minha orientadora desde a nossa primeira conversa. Que em meio às adversidades na pesquisa, sempre me incentivou a nunca desistir. Por me ouvir falar das minhas questões em nossas reuniões de orientação, pelo espaço de diálogo e pelas contribuições neste trabalho. Por isso, agradeço por sua atenção e compreensão.

À professora Dra. Fabiana Pereira Correia, por acreditar em mim e nos meus esforços. Pelo afeto, pelas diversas conversas e conselhos sobre o viver acadêmico, e principalmente sobre a vida. Por ter sido minha orientadora nas pesquisas e atividades do Grupo de Pesquisa Geocultural Maranhão, lugar do qual tenho grande apreço, amor, experiências e ensinamentos que certamente levarei comigo pelo resto da minha vida. Do que fez por mim, junto de sua esposa Ana Raquel, durante o curso está para além do que posso descrever em palavras. De coração, muito obrigado por tudo.

À Ana Rachel Lages Souza, pelas conversas sobre música, sobre dança, sobre cabelos, sobre comidinhas, sobre a temperatura de Codó que não é brincadeira! Ah! E sobre as queridas e os queridos! Obrigado pelos lanches e bolinhos maravilhosos que a profa. Dra. Fabiana sempre levava em nossas reuniões formativas do grupo de pesquisa. Agradeço pelos seus conselhos, pelas partilhas e vivências afetuosas.

Só tenho a agradecer muito por me ajudarem de diversas maneiras e por terem sido parte da minha trajetória no curso. Agradeço principalmente por fazerem parte da minha vida, e espero tê-las sempre ao meu lado.

Ao professor Dr. Alex de Sousa Lima, agradeço pelas aulas e orientações que trouxeram uma nova bagagem para minha compreensão disciplinar das atividades. Pelos conselhos e pelas contribuições durante os processos de realização deste trabalho, que em muito mudou minha percepção sobre a forma que eu poderia realizá-lo, tal como o suporte de sempre. Muito obrigado professor.

Agradeço as minhas amigas Nilcelane dos Santos e Andressa Martins Costa, por sempre terem ouvido minhas ideias mirabolantes, algumas idiotices sem sentido, e terem pegado no meu pé para que eu me tornasse uma pessoa mais pragmática diante das coisas a se fazer. Obrigado Pretinha e obrigado Nen, amo vocês.

Agradeço aos meus amigos Francisco de Assis Lopes Bispo Junior, Elder Loiola Lima e Erisvaldo Silva de Oliveira, pelas parcerias e companheirismos. Compartilhei experiências sobre o curso e o processo de construção deste trabalho com os mesmos, que sempre discutiam junto comigo algumas questões e acabavam tornando esse processo menos doloroso. Agradeço pelos momentos em que me escutavam e riam comigo, pelas brincadeiras, e todos os momentos divertidos que me fortaleceram. Muito obrigado Bispo, muito obrigado Elder, e muito obrigado Erisvaldo. Me vem à cabeça, a ideia de parafrasear o Luffy de One Piece, e embora eu não o faça para não me estender demais, saibam que vocês são meus preciosos companheiros de navio, daquele que veleja por esses mares da vida.

Agradeço aos meus colegas de curso com quem convivi ao longo desses anos. Estes me incentivaram, compartilharam de seus problemas, suas vivências, e certamente tiveram impacto na minha vida.

Agradeço ao Carlos Roberto da Silva Moura, com quem convivi desde o primeiro dia que coloquei os pés na UFMA. Digo que é literalmente um irmão para mim. Nossas trajetórias de vida se cruzaram e eu espero que sempre fiquemos juntos. Obrigado por ser presente e estar comigo meu amigo.

Ao Jardel Silva de Araújo, com quem comentava coisas diversas sobre as aulas, sobre os animes. Junto ao Carlos Roberto, éramos aquele trio de lei. Agradeço pelos momentos divertidos meu amigo, e também pela companhia na hora do jantar no Restaurante Universitário (RU), era bom demais! Obrigado.

À Isabela Sousa Silva, que transformava as aulas e os momentos de ir embora, em uma aventura incrivelmente divertida e histórica. Agradeço por ter continuado comigo nesses meandros que levam a gente para outros lugares, mas que no final, sempre nos reencontra. Pela sua presença, trocas e os roles, agradeço muito minha amiga.

Ao Caio Matheus Lima da Silva, pela parceria durante essas aventuras e desventuras do curso. Meu amigo, você sabe que mora no coração, por favor não saia não! Olha aí, até rimou! Obrigado meu caro amigo pela percepção sobre a realidade e a destreza que precisamos ter sobre ela. Obrigado por tudo e mais um pouco.

À Leticia Thalia de Sousa e Souza, pelos cursos, palestras e vários outros links que me enviava para estudar. Por ter sido a melhor parceira na produção dos melhores vlogs que a UFMA não viu! E que convenhamos, nem verá! Saiba que sempre que pudermos, eu e a Francisca Malena iremos te visitar na sua casa perto da montanha ao noroeste da cidade, que sempre vê o amanhecer do sol antes de qualquer outro ponto... Quer dizer... da montanha não! Daquele morro dos ventos uivantes! Agradeço por tanto e tudo minha amiga.

À Francisca Malena Santos da Silva, por ser simplesmente a maior da nossa turma e da UFMA, uma coisa assim bem simplória, diga-se de passagem. Uma pessoa que sempre me socorria na hora da formatação das notas de rodapé, que eu até troquei depois. Mas ainda assim, sempre me ajudou quando precisei. Sempre me ouvia, discutia coisas importantes sobre o que fazer e não fazer, e por isso agradeço muito minha amiga. Obrigado por ser minha parceira durante as viagens para a universidade.

À Pamela Lorena Silva Machado, com quem compartilhei diariamente histórias sobre o curso. Uma pessoa incrivelmente marcante. À Joana Alice da Silva Melo, por ter me ajudado sempre que eu tinha alguma dúvida neste trajeto que às vezes é maçante. Me estendendo a mão, me dando amparo. Ao Carlos Rogério da Silva Moura, pelas conversas que me deixavam em sã consciência da normalidade que é a anormalidade da vida. E pela amplitude da compreensão da realidade do âmbito acadêmico.

Ao Francisco de Assis Alves, por acreditar que eu poderia realizar esta monografia quando eu não acreditei. Por me lembrar da humanidade da vida. Do quanto os processos que nos intervêm acabam sendo violentos, mas que não devemos estagnar diante deles. Pelos lanches que preparava durante as várias conversas, pelas trocas em momentos difíceis, és um cara fenomenal, uma verdadeira potência. Agradeço ao universo por ter destinado sua vida à minha. Obrigado amigo, obrigado por sempre estar comigo.

Ao Walberson de Jesus da Silva Costa, com quem compartilhei horas e horas do processo de construção deste trabalho, assim como outras histórias e experiências vivenciadas dentro e fora do âmbito acadêmico. Obrigado pelo afeto, pelos suportes, risadas, danças e os vários momentos, meu amigo. Eu realmente encontrei ouro.

Ao Marcos Vinicius da Costa Silva, por ter contribuído enormemente para a realização deste trabalho, uma pessoa maravilhosa e de bom coração. Sem você, este trabalho com certeza não existiria. A Maria do Perpétuo Socorro do Nascimento Araújo, que da mesma forma contribuiu para este trabalho. Principalmente nos primeiros passos que trouxe em busca. Ao João Paulo Costa da Silva, que compartilhou comigo percepções sobre a graduação, dos momentos de construção do trabalho monográfico.

Aos meus queridos grandes colegas Maria Gabrielle Marques Ribeiro e Gelvane Lino Melo, que viram de perto alguns momentos da construção deste trabalho. Em meio a amargura desses momentos, trouxeram doçura e uma leveza contagiante. E não esqueçam que ainda temos que catar mais manga na UFMA, está quase no período! Ah! Não podemos esquecer dos capacetes dessa vez, não é? Francisca Malena que o diga... Obrigado Gabi e obrigado Gel, saibam que vocês moram no meu coração.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

“Tomando inescrupulosamente como cobaia eu mesma, isto é, partindo da minha experiência, e da dos negros mais ligados a mim — minha família, amigos, companheiros de ônibus, nas ruas, nos estabelecimentos — tento chegar, o mais de como subjetivamente reagimos diante de uma realidade tão opressora; de como resolvemos as questões que nos fustigam, hoje, nossas mentes, ontem nossos corpos.”

Maria Beatriz do Nascimento

Para minha tia, Francisca Cardoso de Lima, e minha avó, Maria
Cardoso de Lima, que sempre fizeram tudo o que estava ao seu
alcance por mim. Amo vocês de corpo e alma.

RESUMO

O presente trabalho comporta um estudo realizado na Comunidade Quilombola Queimadas, localizada na zona rural do município de Codó, Maranhão, sobre a questão da identidade quilombola entre os moradores. O estudo corrobora a importância do reconhecimento da identidade quilombola dentro da dinâmica histórico-social do Brasil, em que se notabiliza a densidade formativa das identidades quilombolas, as quais adentram as dinâmicas multiculturais da sociedade, assim como o campo sociopolítico e territorial que se enlaça com as comunidades rurais quilombolas. Buscou-se ouvir os quilombolas da comunidade para compreender essa importância, dada a pertinência das narrativas rememoradas acerca dos processos de construção da identidade quilombola, uma identidade cultural, e a quase inexistência de dados historiográficos sobre a comunidade. O campo da identidade na pós-modernidade norteia esta pesquisa, na medida em que o movimento social empreende experiências distintas para o sujeito portador de uma identidade cultural. Em se tratando da dinâmica histórica, da memória e da identidade, este estudo recorreu a trabalhos como os de Thompson (1992), Moura (1993), Santos e Nunes (2003), Hall (2006), Geertz (2008) e Gomes (2015). Notabiliza-se no processo de construção da identidade dos quilombolas de Queimadas, três elementos que constituem indicadores para se analisar a questão da identidade quilombola sob a dinâmica social brasileira: a terra, a memória e o conflito. Estes elementos constituem a dimensionalidade dos processos vivenciados pelos moradores da comunidade, denotam caracteres que potencializam suas identidades diante do cenário da dinâmica social quilombola, e apontam para a importância do reconhecimento da identidade e da territorialidade quilombola para as comunidades. As comunidades rurais quilombolas são territórios de resistência, vivências, associações, articulações políticas, de identidades em movimento.

Palavras-chave: Identidade quilombola. Memória. Comunidade. Territorialidade.

ABSTRACT

This paper comprises a study carried out in the Queimadas Quilombola Community, located in the rural area of the municipality of Codó, Maranhão, on the issue of quilombola identity among the residents. The study corroborates the importance of recognizing quilombola identity within Brazil's social-historical dynamics, in which the formative density of quilombola identities is notable, as they enter into the multicultural dynamics of society, as well as the socio-political and territorial field that is intertwined with rural quilombola communities. We sought to listen to the community's residents in order to understand this importance, given the relevance of the narratives recalled about the processes of building quilombola identity, a cultural identity, and the almost non-existence of historiographical data about the community. The field of identity in post-modernity guides this research, insofar as the social movement involves different experiences for the subject with a cultural identity. When it comes to historical dynamics, memory and identity, this study draws on works such as those by Thompson (1992), Moura (1993), Santos and Nunes (2003), Hall (2006), Geertz (2008) and Gomes (2015). In the process of building the identity of the residents of Queimadas, there are three elements that make up and constitute indicators for analyzing the issue of quilombola identity in Brazilian social dynamics: land, memory and conflict. These elements constitute the dimensionality of the processes experienced by the community's residents, denote characters that enhance their identities in the scenario of quilombola social dynamics, and point to the importance of recognizing quilombola identity and territoriality for the communities. Rural quilombola communities are territories of resistance, experiences, associations, politics and identities in movement.

Keywords: Quilombola identity. Memory. Community. Territoriality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa de Localização da Comunidade Quilombola Queimadas, Codó – MA, Brasil

Figura 02: Arroz em cofos dentro do paiol

Figura 03: Quebra do coco babaçu

Figura 04: Canteiro com cheiro verde e coentro

Figura 05: Trecho do rio Iguará

Figura 06: Farinha de puba sendo torrada

Figura 07: Missa para o festejo de Santa Luzia

Figura 08: Paisagem da área residencial na entrada da comunidade

Figura 09: Paisagem da área central com a escola e algumas residências

Figura 10: Mapa do Uso Temporal das comunidades associadas

Figura 11: Comunidade Quilombola Queimadas, lutar não foi em vão

LISTA DE SIGLAS

CPT - Comissão Pastoral da Terra

CPRM - Serviço Geológico do Brasil

FCP - Fundação Cultural Palmares

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ITERMA - Instituto de Colonização de Terras do Maranhão

MDS - Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome

MME - Ministério de Minas e Energia

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| 1. O debate teórico sobre construção e o reconhecimento da identidade quilombola | 21 |
| 1.1. Identidade e reconhecimento | 22 |
| 1.2. Brasil e os quilombos | 30 |
| 1.2.1. Maranhão, quilombos e comunidades rurais quilombolas | 37 |
| 1.2.2. Codó e as comunidades rurais quilombolas | 39 |
| 2. O processo de formação, reconhecimento e organização da Comunidade Quilombola Queimadas | 43 |
| 2.1. História e memória | 43 |
| 2.2. Quilombos | 45 |
| 2.2.1. Comunidades | 47 |
| 2.2.2. Veredas | 53 |
| 3. A problemática dos elementos da identidade quilombola na comunidade quilombola queimadas | 69 |
| 3.1. Vivências | 70 |
| 3.1.1 Terra, memória e conflito | 82 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 87 |
| REFERÊNCIAS | 90 |
| APÊNDICES | 96 |
| ANEXOS | 99 |

INTRODUÇÃO

Quando escrevo sobre identidade quilombola neste trabalho, atendo-me à construção desta identidade na comunidade rural quilombola, tal como sua territorialidade gestada no território. No mesmo sentido, apercebo o longo fio histórico que interliga, visceralmente, as comunidades quilombolas do passado com as que jazem o mundo contemporâneo, de modo que expressam a densidade da dinâmica social quilombola no Brasil.

Evidentemente, as comunidades rurais quilombolas representam territórios de luta, resistência, assim como, preservação histórica e cultural. Compreendem importantes lugares de produção e reprodução da vida material e imaterial dos seus sujeitos. Do mesmo modo que, as experiências histórico-sociais aliadas aos fatores da própria estrutura social moderna e suas dinâmizações em face dos sujeitos identificados enquanto quilombolas.

A dada compreensão da importância desses lugares logo advém o conhecimento do campo histórico-social que permeabiliza o negro quilombola. Um conhecimento que por vezes não é conhecido, ou mesmo reconhecido, mas que corrobora na dimensionalidade do mundo agrário brasileiro, do campesinato negro.

Então, por que a questão da identidade quilombola? E, por que a Comunidade Quilombola Queimadas? Primeiro, o fator da desterritorialização tem articulado uma deslegitimação do direito ao território quilombola, de modo que a discriminação materializada contra o que advém do negro reverbera a necessidade de se explicitar como essas questões se articulam e atingem essas pessoas. Problemáticas que são intercaladas aos âmbitos institucionais, morais e subjetivos, e aos do autoconhecimento e reconhecimento que perfazem a construção histórica da identidade cultural quilombola. Segundo a face dessas problemáticas se apresentou durante os deslocamentos para a zona rural do município de Codó - MA, o questionamento sobre os quilombolas serem ou não apenas pessoas pretas retintas, descendentes de pessoas escravizadas, acabou por orientar essas observações sobre o quadro das comunidades no município de Codó e o desenvolvimento das comunidades rurais quilombolas. E porventura, o referido questionamento atinge a Comunidade Quilombola Queimadas.

Dessa maneira, o referido trabalho enfoca a dimensão da Comunidade Quilombola Queimadas. O objetivo consiste na identificação e análise dos elementos que compõem a identidade quilombola entre os moradores da Comunidade Quilombola Queimadas, no município de Codó, mediante o reconhecimento institucional brasileiro.

Com essa premissa objetivada, apresento no trabalho um panorama sobre o conceito de identidade dentro da conjuntura social pós-moderna em que as identidades, como a identidade quilombola, estão presentes. Descrevo o processo de formação, reconhecimento e organização da Comunidade Quilombola Queimadas no município de Codó e as principais manifestações culturais, econômicas e naturais que caracterizam a comunidade. E problematizo os elementos, os quais acredito serem centrais, que constituem a identidade quilombola entre os moradores desta comunidade, gerando uma problematização dos aspectos inerentes a sua construção e reconhecimento ao reverberar suas narrativas.

O campo pós-moderno da identidade cultural da dimensão histórica ao processo formativo da identidade do sujeito e o seu movimento, algo latente na identidade quilombola. No mesmo sentido, é interessante pensar as diferentes situações do mundo capitalista e neoliberal, que se apresentam para estes sujeitos e corroboram a face sociopolítica local e global do mundo multicultural. Pensar essas questões recaem pontos focais para se entender o quadro contemporâneo das comunidades rurais quilombolas, e o seu longo fio histórico, os quais estão dentro das dinâmicas do mundo moderno globalizado. Para perceber e compreender esses processos, recorro a outros autores que propõem discussões acerca da referida temática.

Acerca dos métodos e das técnicas de pesquisa. A história oral constitui a alternativa metodologia investigativa. A História Oral é um importante recurso no processo de compressão da formação da identidade, que transversa a concepção de identidade do sujeito no mundo pós-moderno; a Descrição Densa capta as estruturas importantes do meio social que está sendo observado, sendo uma análise que busca primeiro compreender para depois interpretar e apresentar o campo de pesquisa.

Foram utilizados roteiros de entrevistas semiestruturados, gravador de voz e câmera do telefone celular, e diários de campo para coleta dos dados no campo de pesquisa. As entrevistas respeitaram as particularidades dos participantes e do campo de pesquisa. A pesquisa de campo ocorreu nos dias: 05 de novembro e 13 de dezembro de 2022, 17 e 18 de agosto de 2023. Nos dias 05 de novembro e 13 de dezembro de 2022, o deslocamento ocorreu com o auxílio do padre da Paróquia São Raimundo que realiza o trajeto até a comunidade. Nos dias 17 e 18 de agosto de 2023, ocorreu por meio de um carro de linha, chamado popularmente de pau de arará. A linha (o trajeto percorrido) deste carro não abarcava a estrada até a Comunidade Quilombola Queimadas, logo a outra parte do trajeto (cerca de 24km) foi realizada por meio de uma motocicleta.

Os quilombolas que participaram da pesquisa estão na faixa etária dos 30 aos 60 anos de idade, e todos moram na Comunidade Quilombola Queimadas. Alguns nasceram nela, outros

se mudaram para ela. As entrevistas com os quilombolas ocorreram entre os dias 17 e 18 de agosto de 2023.

Acerca do processo de imersão ao campo de pesquisa, acredito que seja pertinente traçar o caminho percorrido, pois ele aconteceu após um período de aproximação com pessoas da própria comunidade e/ou simpatizantes que possuem laços com elas, ainda durante o mês de fevereiro de 2022.

Em conversas por meio de mensagens no Whatsapp com um dos quilombolas, que era amigo familiar, perguntei-lhe sobre a possibilidade da pesquisa na comunidade, o mesmo respondeu positivamente, algo que, em um primeiro momento, aumentou a probabilidade da realização da pesquisa.

Nessas conversas, tomei conhecimento da existência da liderança comunitária, e propus ao morador que fizesse essa intermediação com a mesma. Já no primeiro diálogo, ela deixou claro, em resposta a ele, que não participaria de nenhuma pesquisa. Dentre os motivos mencionados por ela, estavam: o receio da exposição; a possibilidade de algum documento confidencial ser conduzido de má fé; e a presença de universitários que realizaram pesquisas no local, sem apresentarem retorno dessas atividades.

Com essa resposta, tentei buscar alternativas para a realização da pesquisa. Ao conversar com minha orientadora, profa. Dra. Jascira da Silva Lima, sobre a recusa da liderança, concordamos em encontrar outra aplicabilidade para a pesquisa, dada a receptividade dos outros quilombolas, como haviam me informado. Pensava ainda que a construção de um vínculo com a liderança era vital para a socialização com os outros quilombolas. Entretanto, como não ocorreu, participariam da pesquisa outros interlocutores. Agora faltava apenas me deslocar à comunidade.

Durante os meses seguintes a fevereiro, idealizei essa atividade do deslocamento, porém, sem sorte. No mês de março de 2022 a comunidade costuma ficar ilhada pelo rio Iguará que banha o território, o período chuvoso costuma intensificar-se em março e abril. Nesse meio tempo perdi o contato com o morador, e não consegui contactá-lo mais. No fim a ideia de me deslocar para a comunidade não obteve êxito.

Novamente discuti a situação com minha orientadora, e nesse momento já pensava na desistência. Também costumava conversar com meus colegas de curso sobre o não conseguir deixar essa pesquisa para traz.

Durante o processo, percebi que a pesquisa se apresentou diante de mim. Antes de centralizar a abordagem sobre identidade quilombola, a identidade negra, a negritude era uma perspectiva que intervira. Nos momentos das viagens para o interior do município, ocorreu o

questionamento sobre a legitimidade da identidade quilombola na Comunidade Quilombola Queimadas. Ocasão que trouxe para o cerne dessa pesquisa, a referida temática, e o pensar a complexidade das identidades culturais no âmbito local e global.

Minha orientadora, que sempre me incentivou a não desistir da pesquisa, conseguiu o contato de uma pessoa amiga da liderança da comunidade, e eis que se apresenta a outra oportunidade que presumia anteriormente.

Em conversas com essa pessoa, ela afirmou que levaria a proposição da pesquisa para a liderança. Quando eles dois conversaram, a liderança demonstrou uma percepção diferente sobre a pesquisa, aceitando a proposta de conversação acerca das atividades que seriam realizadas.

Na tarde do dia 05 de novembro de 2022, tive a oportunidade de conversar com a liderança. Depois de discutir o cenário da comunidade – estávamos na sala de sua casa - ela autorizou a realização da pesquisa. Ainda mencionou que participaria e, como pensara anteriormente, me ajudaria no desenvolvimento das sociabilidades para com os outros membros da comunidade. Isto posto, houve prosseguimento para a realização deste estudo.

O caminho que foi traçado até a chegada destas considerações compreende uma experiência voluptuosa. Embora não tenha pontuado na introdução, e é chegado o dado momento, acredito que seja interessante pontuar questões sobre o distanciamento entre os dias em que foram realizadas partes das pesquisas de campo: dia 13 de novembro de 2022; e o dia 18 de agosto de 2023.

Como nas primeiras tentativas de deslocamento também houve dificuldades de acesso a comunidade durante os períodos chuvosos na região (janeiro a junho). Nesses períodos as pessoas costumam ficar quase ilhadas devido à grande quantidade de chuva. As estradas, com uma quantidade maior de barro e areia do que de pedras, tornam-se inviáveis. Todavia, sempre mantinha contato com a liderança esperando pela oportunidade da viagem até lá, dada as particularidades encontradas nesse processo legado pelo campo. Até que chegou os referidos dias do mês de agosto de 2023, quando pude finalizar a pesquisa de campo. Quando me perdi para me encontrar.

Assim, o estudo que se segue está organizado da seguinte forma. O primeiro capítulo aborda o conceito de identidade quilombola com fundamento na conjuntura social pós-moderna em que as identidades culturais estão inseridas. Face ao campo sócio-cultural-político contemporâneo, é necessário compreender as densidades que atravessam o sujeito quilombola e que, indissociavelmente, dizem respeito à complexidade da formação do Brasil.

Este aspecto reverbera o campo teórico sobre a questão dos quilombos e das estruturas elaboradas, pontos elementares para o entendimento dos seus desdobramentos e concepções. No estado do Maranhão, observamos parte desses elementos. Posteriormente, caracterizamos a questão contemporânea no município de Codó, interior do estado, realizando um panorama das comunidades quilombolas rurais.

O segundo capítulo compreende os processos de formação, reconhecimento e organização da Comunidade Quilombola Queimadas para compreender suas densidades, doravante, versadas por sujeitos locais. De tal modo, expressa os primeiros passos dos caminhos trilhados pela pesquisa de campo, que corrobora nessa compreensão dos processos pertencentes à construção da memória, da territorialidade e da identidade entre os sujeitos da comunidade.

O capítulo três apresenta as vivências quilombolas construídas pelas narrativas dos quilombolas da comunidade. Assim como promove uma problematização dos elementos percebidos que constituem a identidade quilombola na Comunidade Quilombola Queimadas, de modo que se observa a importância do reconhecimento da identidade dentro da amálgama social e política da contemporaneidade.

No segundo e no terceiro capítulo residem grande parte das narrativas que ampliam os processos sociais perpassados pelos quilombolas. Com a prerrogativa de torna-los mais evidentes, as narrativas, estas falas, foram colocadas em *itálico*. Também é necessário pontuar que durante as citações dessas falas, nomes fictícios foram utilizados para parte dos interlocutores, em razão da situação do conflito ainda presente.

CAPÍTULO I

O debate teórico sobre construção e reconhecimento da identidade quilombola

Desenvolver um debate sobre a construção e o reconhecimento da identidade quilombola, indissociavelmente atinge a complexidade do quadro de formação do Brasil, enquanto Estado-Nação. Da mesma forma, compreende a experiência da diáspora africana, com suas dinâmicas e problemáticas geradas ainda no cenário colonial.

As reverberações acerca deste quadro logo atravessam as comunidades rurais quilombolas na contemporaneidade, na medida em que fazem parte de um longo fio histórico-social ligado as comunidades quilombolas do passado. Estas, desenvolvidas no cerne da diáspora ante o execrável sistema escravocrata e mercatório do negro.

Presentes na vasta extensão territorial brasileira, as comunidades rurais quilombolas foram e são atravessadas pelos processos de estruturação da sociedade brasileira, de caracteres econômicos, políticos e sociais. Logo, processos que constituem pontos elementares para o entender não apenas os desdobramentos, como as concepções que as englobam. Dentre os pontos, o que nos leva ao enfoque outrora elucidado, a questão da identidade quilombola.

Face ao contexto econômico-político-social global e local, as noções de identidade cultural e reconhecimento da diferença, corroboram em questões problematizadoras na contextualização da concepção de identidade e do referente campo que intervém a identidade cultural quilombola. Dado que, enquanto identidade cultural, o enfoque adverte o conceito de identidade quilombola sob o campo social pós-moderno¹ em que as identidades culturais estão inseridas. Compreensão que aponta para as densidades que atravessam os sujeitos quilombolas.

Neste sentido, as argumentações realizadas por Stuart Hall (2006), acerca da noção de identidade têm proporcionado compreensões a despeito da dinâmica do sujeito e sua identidade diante do processo de deslocamento das estruturas consolidadas e referenciais em meio às mudanças da própria modernidade e da globalização. E as questões apresentadas por Boaventura de Sousa Santos e João Arriscado Nunes (2003) a respeito do reconhecimento da diferença, mediante as questões do multiculturalismo², compreendem as problemáticas diante

¹ Em contraste à modernidade, a pós-modernidade “privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural” (Harvey, 1993, p. 19).

² Termo que originalmente caracteriza a coexistência de grupos e formas culturais que possuem aspectos distintos no escopo das sociedades modernas e, que após uma gradativa mudança em sua perspectiva, passou a pressupor diferenças culturais na conjuntura global e transnacional, sendo esta última a que se difundiu (Santos; Nunes, 2003, p. 26).

do sujeito e o seu reconhecimento à vista da complexidade do fenômeno global capitalista e neoliberal. Estes, os pontos de partida teóricos, uma vez que apresentam diálogos pertinentes para a promoção do referente debate sobre a identidade quilombola.

1.1. Identidade e reconhecimento

A discussão sobre o conceito de identidade é uma atividade recorrente no âmbito das ciências sociais, embora não seja totalmente desenvolvida e compreendida. Estabelecer uma afirmação conclusiva sobre o que define uma identidade possui complicações por se tratar de um fenômeno social, caráter que expressa a complexidade da questão. Ao considerar a questão, o argumento de Stuart Hall (2006) corrobora inicialmente em três concepções de sujeitos que comportam identidade e suas diferenciações.

A primeira se refere ao sujeito do iluminismo, centrado e unificado em sua totalidade. Este é ensejado pelas faculdades da consciência, da razão e dos seus próprios atos, de modo que o seu centro se constituía ainda quando nascia, ele se desenvolvia, mas ainda continuava sendo o mesmo ao longo dos anos. O centro essencial era sua identidade que, por sua vez, era individualizada e caracterizada pelo aspecto masculino.

Enquanto expressão da modernidade e sua complexidade, a segunda se caracteriza pelo sujeito sociológico tecido pela relação entre o eu e a sociedade. Permanece nessa concepção, o sujeito centrado disposto da essência interior do eu como real, contudo, sendo passível de sofrer reformulações diante dos contatos com os mundos culturais. Esta concepção preenche a possibilidade de alocar o sujeito (mundo pessoal) na estrutura em vigor (mundo público), gerando estabilidade recíproca no ditame social, logo, uma forma de unificação atrelado ao

[...] fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (Hall, 2006, p. 11).

Mudanças na estrutura do sujeito sociológico têm sido o foco das afirmações sobre a fragmentação das identidades consolidadas no mundo pós-moderno. A razão incide nas diversas identidades que se associam ao sujeito e não somente uma. Elas se intercalam a ele de acordo com as instâncias que a cultura implica, de tal modo que “o próprio processo de identificação, através do qual nós nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 2006, p. 12).

Desenvolvida sob a compreensão deste processo, tem-se a terceira, o sujeito pós-moderno. Neste campo, o sujeito é definido de forma histórica, se associando a diversas identidades em diferentes momentos e instâncias da vida, de modo que, considerar “a identidade

plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2006, p. 12), questão à qual Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 135) converge, ao ressaltar que “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”, que corroboram as experiências de cada sujeito.

Para Hall (2006), o sujeito em deslocamento de suas identificações está experienciando essas movimentações diante do mundo moderno e as identidades culturais, processo pelo qual discute tendo como plano de fundo a identidade cultural nacional.

A cultura nacional constitui poder na produção e reprodução da identidade cultural. Observe o contexto de auto identificação, quando nos perguntam: “O que você é?” E a exemplo, respondemos simbolicamente: “Sou brasileiro”, pressupondo que é uma parte de nós mesmos. Segundo Hall (2006), por ser elaborada e transformada ao longo de processos ligados às relações entre indivíduo e sociedade junto aos sistemas de representação, essa é uma ideia que caracteriza a nação como um sistema de representação cultural, visto que “as pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* da nação tal como representada em sua cultura nacional” (Hall, 2006, p. 49, grifo do autor).

A identificação, anteriormente atribuída a um povo, região ou religião no período pré-moderno e em sociedades tradicionais, é deslocada gradualmente pelas sociedades ocidentais para a cultura nacional, tendo competências de submeter diferenciações identitárias fundamentadas pela tutela política exercida pelo poder do Estado-Nação. Para Hall (2006), a cultura nacional transforma-se, neste sentido, em uma poderosa forma de significação na dinamização das identidades culturais modernas, constituindo padrões universalizantes, instituições culturais, símbolos e representações que validam a prerrogativa da cultura homogênea.

Sobre a ideia homogênea e unificada da identidade nacional, Hall (2006) empreende uma desconstrução baseada no pressuposto de que, o pretexto discurso que remete à modernização da cultura nacional e das identidades desenvolvidas a partir dela, é demasiadamente simplista. Mesmo com diferenças “em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-las numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (Hall, 2006, p. 59).

Existem razões para compreender as culturas nacionais enquanto estruturas de poder cultural, de forma sintetizada, elas nunca foram espaço de identificação simbólica ou de união. Dentre as razões³, estão: a conquista por meio da violência para unificar grande parte das

³ Cf. Hall, 2006, 59-61.

culturas separadas que residem em uma nação, suprimindo pela força à diferenciação cultural que determinados grupos possuem; o fator de diferentes grupos sociais, étnicos e de gênero estarem no cerne da composição da nação; e as nações ocidentais modernas terem sido centros de impérios e/ou vigorem enquanto setores neoimperiais com influência cultural hegemônica sobre as culturas de nações colonizadas.

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural (Hall, 2006, p. 62).

Consequentemente, as culturas nacionais corroboram em sobreposições das diversificações em determinadas sociedades. Zygmunt Bauman (2003, p. 83) menciona como o discurso da formação da nação busca em “[...] princípio, ‘um Estado, uma Nação’, e, portanto, em última análise, a negação da diversificação étnica entre os súditos”. Continua Bauman (2003) que, a partilha dela tem a função da unificação política do Estado e a produção de raízes e de caracteres comuns, funcionando como uma ferramenta de mobilização ideológica para firmar o ideal patriótico de lealdade e obediência em prol da nação. De tal modo, Hall (2006, p. 65) destaca a relevância de compreender que “as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas de lealdades e de diferenças sobrepostas”.

Porém, mesmo com os fatores desarticuladores das representações que idealizam identidades nacionais como unificadas, ainda há a possibilidade de se observar na história moderna, uma noção que atravessa as culturas nacionais diante da própria pós-modernidade e que resulta na dominação das particularidades existentes das identidades culturais. E, em vista do que seria capaz de realizar o deslocamento dessas identidades nacionais que possuem grandes forças discursivas no final do século XX, Hall (2003) aponta para a existência de “um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’” (Hall, 2006, p. 67).

Hall (2006) desenvolve uma articulação sobre a interposição da globalização sobre as identidades culturais por meio de três possíveis consequências. Respectivamente, dizem respeito a: fragmentação das identidades nacionais como resultado do crescimento, tanto da homogeneização cultural quanto do pós-global; o reforço das identidades nacionais, locais e/ou particularistas em contrapartida aos processos de globalização; e o declínio das identidades nacionais, em que identidades outras estão sendo alocadas para esses espaços. As duas últimas não estão alcançadas nas dinâmicas interpostas, o que reverbera na primeira colocação.

A homogeneização cultural tem sido o ponto de partida para uma perspectiva geral do mundo pós-moderno, com a globalização sendo a precursora desse processo/consequência capaz de desestruturar as “unidades” das culturas nacionais. Todavia, essa perspectiva possui um viés unilateral porque a globalização anda paralelamente ao reforçamento das identidades locais, uma vez que,

A globalização tem, *sim*, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (Hall, 2006, p. 87, grifo do autor).

Assim, compreende-se que a globalização é dessemelhante, detém sua própria “geometria de poder”, moderada pela dominação global ocidental, mas, no entanto, as identidades culturais estão e continuam por toda parte.

As dinâmicas contemporâneas referentes à identidade incorporam instrumentos socioculturais, históricos, geográficos, globais e locais dos sujeitos diante dos processos globalizantes e suas contradições. Neste sentido, na pós-modernidade, as identificações são construções inerentes aos referidos instrumentos e suas multiplicidades e mobilidades que, são fatores corroborados na categoria política de reafirmação da identidade no quadro institucional discursivo e totalizante, algo que chama atenção para a questão da diferença⁴ neste processo.

Em referência ao quadro de reafirmação política, a relevância em torno da diferença, em específico, o seu reconhecimento, se evidencia pela incidência de tensões nas relações em sociedade. Boaventura de Sousa Santos e João Arriscado Nunes (2003) empregam o termo multiculturalismo na verificação desta incidência, na qual evidenciam não apenas a existência de tensões presentes nessas relações, como as contradições e as diversificações do próprio termo pelo seu caráter polissêmico⁵.

O multiculturalismo possui dificuldades e possibilidades no campo das ciências sociais e das humanidades. Enquanto nos permite entrar no cenário problemático do reconhecimento e da diferença, ele está filiado as elaboradas formas estruturais de regulamentação das diferenças em exercício pela hegemonia em escala global e pelos Estados-nação e os “[...] conteúdos e projetos emancipatórios e contra-hegemônicos [...]” (Santos; Nunes, 2003, p. 33). Desse modo, é importante caracterizar as circunstâncias em que o multiculturalismo assume dimensão emancipatória.

⁴ Identidade e diferença possuem uma relação de interdependência no campo dos debates sociais. Em uma representação sinóptica, podemos visualizá-las, respectivamente, por aquilo que é e por aquilo que não é (Silva, 2014, p. 74).

⁵ Sobre a questão, Cf. Santos; Nunes, 2003, p. 28-32; Hall, 2003, p. 51-54; Silva, 2014, p.73.

As alternativas “[...] emancipatórias do multiculturalismo baseiam-se no reconhecimento da diferença e do direito à diferença e da coexistência ou construção de uma vida em comum além de diferenças de vários tipos” (Santos; Nunes, 2003, p. 33). Elas são fundamentadas por resultados de sistemas como: imperialismo, colonialismo e pós-colonialismo, que colocaram metrópoles e territórios dominados em conexão, e criaram diásporas e entre outras experiências históricas de mudança, assim

A ideia de movimento, de articulação de diferenças, de emergência de configurações culturais baseadas em contribuições de experiências de histórias distintas tem levado a explorar as possibilidades emancipatórias do multiculturalismo, alimentando os debates e iniciativas sobre novas definições de direitos, de identidade, de justiça e de cidadania (Santos; Nunes, 2003, p. 33).

Para atribuir positivamente essas alternativas é necessário compreender as condições em que determinadas configurações culturais se desenvolveram, todavia, Santos e Nunes (2003) destacam que as condições nem sempre são claras e relacionadas às mudanças e hibridismos, aos processos referentes ao mundo capitalista formuladores da produção e reprodução de desigualdades e as discriminações e omissões que ocorrem diante de determinados conjuntos populacionais - tanto no Sul⁶ quanto no Norte, do mundo. Isto posto, há relevância em considerar o “cultural” enquanto espaço global do desenvolvimento das relações sociais capitalistas e seus antagonismos.

Nesse cenário, o cultural desencadeia debates sobre questões de eurocentricidade e o reconhecimento da diferença, ao relacionar ao espaço discursivo do multiculturalismo a dimensão econômica e política global. Santos e Nunes (2003) denotam que diálogos de naturezas diatópicas acabam sendo visualizados, de modo que refletem modelos de mediações políticas em construção e expressam a dinamização da política, da cultura e da questão econômica enquanto espaços interligados.

Para Lowe e Lloyd (1997), ao projetar o cultural enquanto forma de identificação das experiências históricas “fora do capitalismo”, há possibilidades de se reconhecer as diferenças que são desenvolvidas em torno e em contradição a ele. Logo Santos e Nunes (2003) apontam que o marxismo e outras teorias de caracteres emancipatórios possuem aceitabilidade nessa projeção, por indicarem matérias políticas de prerrogativas contra-hegemônicas, embora também apresentem implicações epistemológicas que se caracterizam em torno do político e a modernidade.

Perspectivas sobre as formas com que essas teorias e suas tradições se dirigem ao político e a determinados casos têm sido explicitamente analisadas. E, com o propósito de

⁶ O termo “Sul” é uma metáfora para globalização alternativa e “Norte” para globalização neoliberal.

explicitar contradições, resistências e alternativas, diante dos panoramas contra-hegemônicos, estudos pós-coloniais e pós-estruturalistas estão entre os recursos relevantes.

Conforme Santos e Nunes (2003) articulam, desta maneira a questão cultural pode ser analisada como método de materialização das formas de racionalidades alternativas sem que haja uma perda⁷ das distinções vividas socialmente. Essas racionalidades expressam hibridismos, problemáticas entre outras formas de articulação dentro do campo social. Mesmo que por vezes sejam atribuídos enquanto resultados dos processos de globalização do mundo capitalista ou em oposição ao próprio, eles têm demonstrando protagonistas históricos que possuem importâncias. Estes ficam em evidência quando observamos certas dicotomias, como o tradicional diante do moderno, o moderno diante do pós-moderno, o não-estatal diante do Estado, e a periferia diante do centro, por vezes representadas de forma vilanesca, os “vilões”, porém, presentes.

As reivindicações no espaço da juridicidade perante as propensões da cidadania e do Estado moderno, adentram diversos fatores (Santos; Nunes, 2003). Nesse sentido, se observa a problemática das alternativas e resistências que se desenvolvem e somente obtêm resultados positivos com a possibilidade de legitimação e reconhecimento do Estado. Seus movimentos entram em confronto pelas delimitações regulamentadas por ele de forma direta ou pelos emergentes modelos alternativos ligados aos processos de modernização, logo ele detém o poder de definir os projetos sociais e o que eles direcionam, como: a democracia popular, a cultura nacional, a contestação da subordinação social e jurídica e os antagonismos sob regulações de trabalho (Lowe; Lloyd, 1997).

Determinadas sociedades que possuem quadros estruturais elaborados por preceitos externos mediante a consternação de problemáticas advindas de suas próprias experiências de formação, como a importação efetuada pelo Brasil⁸ durante o desenvolvimento do projeto de Estado-Nação durante o século XX (Carvalho, 1990).

Acerca do potencial emancipatório das alternativas, Santos e Nunes (2003) indicam

[...] Dois tipos de limitações: o seu caráter *negativo* e *reativo*, sem o qual as experiências locais são reduzidas ao ‘tradicional’ e encerradas numa incomensurabilidade com as dinâmicas da modernidade; e o seu caráter *local*, que só pode ser superado pela mediação constituída pelo próprio sistema a que resistem” (Santos, Nunes, 2003, p. 38).

São considerações que delineiam formas de apropriação do marxismo sob diferentes contextos do Sul, e que percorrem por dois centros: o primeiro, se refere as emergentes formas

⁷ Algo característico da teoria liberal (Santos; Nunes, 2003, p. 37).

⁸ Cf. Carvalho, 1990, p. 22.

de subjetividade política que se entrelaçam às condições capitalistas em regiões periféricas ou semiperiféricas, o segundo, na importância dada às dimensões da cultura ou distinções sexuais, atreladas às formas de dominação e exploração realizadas pelo capitalismo⁹.

Durante o desenvolvimento das relações capitalistas no período da agricultura colonial, não houve somente a reprodução de relações de classe, foram produzidas e reproduzidas relações hierárquicas de cultura, língua, região e, principalmente, de raça. Questões extremamente relevantes. Convém ponderar diante do exposto, a invariabilidade em cada contexto histórico, que embora não ocorra da mesma forma,

Se não será esse o caso de todas as formas históricas de realização do capitalismo, e se não haverá na “invisibilização” dessas relações nos países do centro um efeito análogo ao da separação das esferas característica das teorias liberais, que viam no capitalismo do centro um sistema mais “puro” e mais “classista” do que o das periferias (Santos, Nunes, 2003, p. 39).

Santos e Nunes (2003) assinalam que a particularidade de determinados contextos pode não obedecer a essas distinções, mostrando outras formas de dominação e resistência. Por esse motivo, há a necessidade de reconhecer esses contextos e como eles descortinam o reconhecer a diversidade, os emergentes espaços de luta e resistência e os novos modelos políticos. As contextualizações denotam as mudanças sobre a questão política, podendo ser visualizada enquanto política cultural. Nesse espaço, processos culturais denotam dinâmicas que redefinem o poder social, transformando os meios que envolvem as culturas políticas e as definições em torno do “político”.

Relativamente aos processos de redefinição sociocultural e político, é possível pensar em uma forma de política multicultural, com a possibilidade de atuar em resposta à certas problemáticas do capitalismo global. Como as lutas que vem ocorrendo de forma local, seria a dificuldade da legitimação e eficácia, que dependem da situação em que os atores coletivos e movimentos sociais. A resposta para essas problemáticas ainda atravessaria uma teoria “capaz de permitir a articulação de lutas conduzidas a partir de experiências distintas e com recursos diferentes” (Santos; Nunes, 2003, p. 40), sem que haja uma perda de suas autonomias e diferenças.

Aspectos estratégicos orientam o desenvolvimento de conhecimentos sobre as lutas, movimentos e iniciativas com caracteres emancipatórios. Conforme destacam Santos e Nunes (2003), a produção de historiografias, a partir da compreensão de narrativas e formas “nativas” de resistência ao capitalismo global. Como pontuam Shohat e Stam (2006) a concepção de um multiculturalismo com mais de um centro, o “policêntrico”, capaz de destruir perspectivas pré-

⁹ Cf. Santos; Nunes, 2003, p. 38-39.

determinadas de forma mútua e recíproca, que reconheça que as próprias culturas de formas geral devem compreender as limitações de suas perspectivas, na igualdade das sociedades em termos de inteligência, direitos e posições, e na descolonização das relações de poder diferentes que existem entre os povos e entre culturas, assim como também das representações que estão em seu escopo.

Dessa maneira, como sublinham Santos e Nunes (2003),

A defesa da diferença cultural, da identidade coletiva, da autonomia ou da autodeterminação podem, assim, assumir a forma de luta pela igualdade de acesso a direitos ou a recursos, pelo reconhecimento e exercício efetivo de direitos de cidadania ou pela exigência de justiça. Ela pode tomar a forma de defesa e promoção de quadros normativos alternativos, locais ou tradicionais, de formas locais e comunais de resolução de conflitos ou de exigência de integração pela, como cidadãos, no espaço do Estado-nação e de acesso, sem discriminações, à justiça oficial, estatal (Santos; Nunes, p. 43).

Neste sentido, se observa a relevância dos debates referentes à existência e as questões que atravessam as formas emergentes de projetos emancipatórios e de reconhecimento da diferença dentro da sociabilidade no mundo capitalista, multicultural e globalizado.

No discurso teórico capitalista, se reforça uma ideia de mercadorização da cultura no contexto global, algo que necessariamente resultaria na redução das possibilidades alternativas - já observamos que nesta narrativa somente se ratifica a forma unilateral em seu discurso, como bem destacou Hall (2006). Existem possibilidades e movimentos se desenvolvendo diante das adversidades. O embate entre Sul e o Norte ocorre e, é necessário reconhecer a diversidade em seu entorno sobre perspectivas que não sejam eurocêntricas, sobre uma ótica multicultural como alternativa para ampliar o debate sobre as formulações que decorrem desses movimentos emancipatórios e construções sociais nesse embate, as quais atendem diversidades históricas, diferenças sociais e identidades culturais em movimento, como a identidade quilombola.

Hall (2006) e Santos e Nunes (2003) expressam questões pertinentes para problematizar a experiência da identidade como construção sociocultural em movimento. Se a ótica unilateral (como a homogeneização cultural) corrobora na assimilação da diversidade cultural existente mediante os fenômenos modernos (globalização, capitalismo), questões apresentadas diante da identidade e do multiculturalismo ressaltam uma justaposição discursiva no debate teórico social contemporâneo.

Embora possa indicar, devido a questão da homogeneização, uma perda histórico-cultural para determinados grupos, no referente debate significa que, para além de uma identidade, outras são tomadas para que nas ações de reivindicações dentro de diferentes camadas sociais, objetivos que corroboram na resistência, de modo que, o reconhecimento perante a sociedade seja requerido no contexto das inúmeras diferenças, por vezes postuladas

como existentes e respeitadas no discurso do Estado-Nação, porém, não é algo que decorre. Por esse motivo, as identidades se movimentam.

A tarefa de analisar a experiência de construção da identidade quilombola no Brasil, adentra a complexidade do seu processo de formação. Para entendê-la em sua densidade, é necessário discorrer sobre os processos sócio históricos, como a questão do negro africano escravizado por um sistema escravocrata moderno, as formações dos quilombos como espaços de resistência e as questões posteriores, como a condição dos quilombos no pós-abolição e as comunidades quilombolas, junto às problemáticas e possibilidades na atualidade.

1.2. Brasil e os quilombos

No Brasil, a escravidão moderna demonstra algumas particularidades em relação às outras regiões sul-americanas. Segundo Moura (1993), diferente do Peru ou da Colômbia, os africanos escravizados trazidos ficaram designados e estabelecidos por todo o território brasileiro. Todavia, o número preciso é um fator problemático tanto por questões estatísticas quanto pela existência do tráfico negreiro.

Contemplar a real proporção populacional tem sido tarefa difícil, mas alguns historiadores estimam que cerca de cinquenta mil negros eram transportados por ano, de modo que o negro escravizado “[...] passou a ser chamado de ‘pés e mãos dos senhores’ e Angola de ‘nervo das fábricas do Brasil’” (Moura, 1993, p. 7). Ainda existem dúvidas referentes a diáspora negra, mas pode-se afirmar que este fora o país com o maior número de negros escravizados trazidos e desembarcados.

A grande proporção de negros africanos importados do continente africano¹⁰ e a continuidade dessa atividade estão entre os fatores da manutenção do sistema escravista que perdurou por quase quatrocentos anos. Se faziam presentes nesse processo, ferramentas legitimadoras e reguladoras, como a inferioridade e a barbaridade, infligida primeiro ao indígena e depois ao negro, enquanto justificativa que os tornavam suscetíveis à escravização; e a substituição de um escravizado por outro caso ele viesse a óbito durante o trabalho ou não tivesse mais condições de trabalhar, com os senhores podendo descartá-los ao fim de sua serventia, compreendendo que o substituto reproduziria em condições e proporções iguais o

¹⁰ No navio negreiro havia grandes números de mortes, suicídios e insurgências, além das organizações precárias que aumentavam a taxa de mortalidade dos escravizados aglomerados em grandes quantidades para o trajeto no Atlântico (Williams, 2012).

ciclo de trabalho, extraindo por cerca de sete anos, tempo de vida que tinha, todo o lucro¹¹ que poderia produzir¹².

Os negros escravizados estavam presentes de forma significativa em todas as regiões geográficas do Brasil, segundo estimativa oficial do ano de 1819, não havia menos de 27% destes concentrados em províncias cafeeicultoras como: Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Constituindo na década de 1870, cerca de 15,2% da população brasileira (Skidmore, 1976, 2003).

Foi exatamente essa uniformidade da presença do escravo nas diversas regiões do Brasil que proporcionou a continuidade da escravidão, sua duração e a formação, em decorrência, de um modo de produção escravista entre nós. Isso porque esses escravos foram distribuídos de acordo com os interesses da economia colonial, na medida em que se desenvolviam as economias regionais, subordinadas às necessidades do mercado externo” (Moura, 1993, p. 8).

Consequentemente, o modelo de trabalho e produção escravista moldou a sociedade brasileira vigente, “deu-lhe o ethos dominante, estabeleceu as relações de produção fundamentais na estrutura dessa sociedade e direcionou o tipo de desenvolvimento subsequente de instituições, de grupos e de classes, após a Abolição” (Moura, 1993, p. 8).

Moura (1993) denota que contradições fundamentais se constituíram durante o desenvolvimento e o processo de estratificação da sociedade colonial, nos quais podemos observar senhores, escravizados e determinados níveis de conflitos. Os negros africanos, por se encontrarem na condição de escravizados, desenvolveram diversas maneiras de resistência¹³ com o propósito de preservar sua integridade física e sociocultural diante do sistema, dentre as quais pode-se destacar as insurreições urbanas, as guerrilhas e os quilombos.

Os quilombos se desenvolviam enquanto comunidades e resistência, eram espaços que manifestavam a discordância dos negros escravizados diante das condições cruéis submetidas pela escravidão moderna. Moura (1993) pontua que aos olhos da metrópole portuguesa, eles foram definidos como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (Moura, 1993, p. 11). Embora quilombo seja uma palavra de origem africana¹⁴, a definição da metrópole fora vertente base na historiografia brasileira por um bom tempo, erigida em 1740 como resposta do Conselho Ultramarino ao rei de Portugal,

¹¹ Era a mão de obra mais rentável, o “braço” para o trabalho que não trazia prejuízo para o senhor que o detinha. O negro escravizado não estava ao nível dos demais, não tinha renda ou direitos (Williams, 2012).

¹² Cf. Moura, 1993, p. 5-10.

¹³ Também haviam fugas individuais, assassinatos de senhores, feitores e capitães-do-mato, suicídio, guerrilhas e insurreições urbanas (Moura, 1993, p. 13-14).

¹⁴ Cf. Munanga, 2006.

Marcada pelo isolamento geográfico em lugares de difícil acesso e mais perto de um mundo natural e selvagem do que da chamada “civilização”. Isto vai influenciar toda uma vertente empirista de interpretação, com grandes pretensões sociológicas, que conferiu ênfase aos denominados “isolados negros rurais”, marcando profundamente as representações do senso-comum, que tratam os quilombos fora do mundo da produção e do trabalho, fora do mercado (Almeida, 2011, p. 60).

Estas comunidades poderiam até ser destruídas, mas sempre ressurgiram em novos lugares, eram hidras¹⁵, como bem alude Flávio dos Santos Gomes (1997). Segundo Moura (1993), consistiam em um fator de desgaste e crise na estrutura da empresa amparada pela metrópole. De Minas Gerais ao Maranhão ou em qualquer outra região em que o trabalho escravagista se estratificou, os quilombos e os mocambos¹⁶ de negros fugidos estavam a lutar e resistir ante as forças produtivas escravistas.

Pelo que se pode constatar dessa série de fatos, uma das características da quilombagem é sua continuidade histórica. Desde o século XVI, ela é registrada e vai até as vésperas da Abolição. Outra característica é sua expansão geográfica. Mesmo naquelas regiões onde o coeficiente de demográfico de escravo negro era pequeno, o fenômeno era registrado” (Moura, 1993, p. 27).

Repressões eram efetuadas pelo aparelhamento escravista e suas disposições diante da sublevação do negro escravizado, outrora “ferrado como animal, torturado até a morte, combatido de todas as formas, em todos os níveis de tentativas de readquirir a liberdade” (Moura, 1993, p. 24). Diante do sistema, os quilombos precisavam organizar formas de defesas estáveis, por esse motivo também realizavam contatos com outros grupos e camadas dentro das regiões em que estavam situados.

Costumavam praticar “[...] um escambo permanente com pequenos proprietários locais, mascates, regatões, a fim de conseguirem aquilo de que necessitavam, especialmente armas e pólvora” (Moura, 1993, p. 24), e pudessem combater investidas e conseguir informações importantes sobre o aparelhamento repressivo, realizando um intercâmbio que ressalta a existência de redes de sociabilidades dentro da convenção elaborada pela empresa escravagista.

Os quilombos tinham organizações diferentes. Reproduziam em certo grau a economia da área em que se situavam, sendo a agricultura uma atividade recorrente nesses espaços pelo conhecimento agrícola africano, porém, não havia similitude para o que na atualidade nomeamos de modelos econômicos, dessa forma, é interessante notabilizar que

A regionalização da economia colonial, inteiramente dependente do mercado internacional, teve como consequência quilombos que reproduziram essa economia parcialmente, pelo menos quanto aos produtos. Tinham de executar uma economia interna que não dependesse da estrutura da sociedade abrangente, mas esta era

¹⁵ A metáfora mitológica é utilizada por Gomes (1997) para se referir ao quadro de confrontos e conflitos que permeavam a existência das comunidades quilombolas. Poderíamos observar o quilombo como uma hidra nesse cenário, na medida em que cresciam novas cabeças (comunidades) quando uma era cortada.

¹⁶ Mocambos e quilombos podem ser vistos como sinônimos.

refletida no nível daquilo que a economia quilombola produzia. Em outras palavras, os quilombos ou se sujeitam a uma economia recoletores, o que não era possível, ou tinham de criar uma economia que produzisse aquilo de que os quilombos necessitavam e que era regionalmente possível, de acordo com as possibilidades ecológicas e as disponibilidades de matéria-prima ou de sementes daquelas áreas em que se formavam (Moura, 1993, p. 33).

Na história social do Brasil, segundo Moura (1993), tem sido reconsiderada a importância dos quilombos na dinamização do território e da sociedade brasileira. Tal como suas diferenciações no espaço e no tempo, como destaca Alex Ratts (2006).

Do Quilombo dos Palmares, o mais famoso que se desenvolveu na capitania de Pernambuco no século XVII, sendo uma das maiores manifestações da luta, resistência e rebeldia quilombola na América Latina (Moura, 1993), ao Quilombo São Vicente do Céu, presente no Turiaçu na província do Maranhão no século XIX, que lutavam e resistiam às investidas e destruições do seu território (Araújo, 2001). Todos eles foram resistências quilombolas, e expressam a face da sublevação negra contra o sistema, com cada um contendo de suas próprias caracterizações.

Ratts (2006) acentua que dentro da historiografia dos quilombos, uma das problemáticas era o seu fator reducionista, prolongando uma visão simplificada de suas amplitudes. Aniceto Cantanhede Filho (2006, p. 16) traz pontos interessantes sobre a questão, ao mencionar que:

A abordagem sobre quilombos, antes reduto de historiadores, a qual figurava como coisa do passado, passa a ser também encampado por antropólogos ocupados com situações sociais concretas, do ponto de vista que estabelecem contatos com pessoas de carne e osso, sendo esses agentes sociais produtores de um conhecimento sobre sua história que designamos de memória social, que nos obriga todos, tanto historiadores como antropólogos, a repensar nossos conceitos.

Logo, é importante observar que historiadores, antropólogos, sociólogos, entre outros estudiosos de outras áreas têm realizado produções pertinentes sobre a questão dos quilombos no Brasil.

Acerca do panorama expressado até este momento, não apenas os quilombos como o seu próprio conceito tem carregado novas discussões no cenário contemporâneo. Como expressa Thiago Silva de Sousa (2018), sendo “[...] invocado como elo agregador e referencial para as mobilizações do movimento negro, [e] como uma metáfora e referência histórica da consternação ao status quo por parte de negros insubordinados” (Sousa, 2018, p. 30).

Neste cenário, conforme destaca Cantanhede Filho (2006), se apresentou aos quilombos a necessidade de uma configuração perante as ocorrências sociais que os atingem, de modo que o reconhecimento destes como tal, tem sido articulado em via do suporte constitucional erigido pelo Estado. Atualmente, o espaço rural tem demonstrado circunstâncias atreladas ao passado dos quilombos, onde

Podemos perceber um fio histórico de continuidade entre a luta pela liberdade no período em que vigorou a escravidão legal e a luta por manter autonomia, a qual constitui a mesma história, continuamente reproduzida até hoje pelas chamadas comunidades negras rurais (Cantanhede F, 2006, p. 16).

Comunidades quilombos são parte do longo processo histórico da escravidão, assim como dos processos referentes ao pós-emancipação. Flávio dos Santos Gomes (2015) ressalta que foram formadas por negros fugidos da escravização, libertos, assim como por indígenas, desertores e migrantes, sendo possível perceber que o cenário atual “não se trata de um passado imóvel, como aquilo que sobrou (posto nunca transformado) de um passado remoto” (Gomes, 2015, p. 7).

Após o fim da escravidão em 1888, os quilombos continuaram se desenvolvendo e nunca desapareceram, consistindo neste período, em micro comunidades rurais. Gomes (2015) sinala que as comunidades desapareciam, surgiam, se reproduziam e migravam ao mesmo tempo em que adentravam ao grande embaralho dos contornos rurais existentes de norte a sul no Brasil, tendo “[...] quem diga que parte da população de Canudos - movimento milenarista da Bahia que foi destruído em 1897 - era de fugitivos da escravidão e também de libertos do 13 de maio de 1888” (Gomes, 2015, p. 120).

As movimentações realizadas por quilombolas e por famílias negras livres no pós-abolição é uma das questões que “[...] pode ter ajudado na emergência de centenas de comunidades negras rurais que encontramos no Brasil contemporâneo” (Gomes, 2015, p. 123). Dentre os pontos favorecem a compreensão da questão, estão: a locomoção duradoura, uma atividade notável para as várias famílias de libertos ainda nas primeiras décadas referentes ao século XX, onde se desenvolviam moradias, parcerias e trabalhos com o propósito de recompor territórios; o pacto paternalista, situação em que essas famílias ficavam nas fazendas em que tinham sido escravizados (como seus pais e avós), sendo diligentes sobre os roçados, com certos direitos e autonomias para o uso da terra; e as chamadas terras de preto¹⁷.

Gomes (2015) sublinha que “seria possível ampliar essa explicação para outras partes do Brasil e, sobretudo, incluir a movimentação dos quilombos, suas aldeias camponesas e suas conexões mercantis na escravidão e no pós-abolição” (Gomes, 2015, p. 126), porque, indubitavelmente, o crescimento das comunidades quilombolas fazem parte desses fatores.

Outrora, durante o século XX, as comunidades quilombolas foram estigmatizadas e invisibilizadas como parte destes fatores. Nesse período, elas se juntaram as roças e se tornaram camponesas. E, por outro ângulo,

¹⁷ O termo também compreende as terras concedidas pelo Estado, assim como aqueles locais ocupados por antigos quilombos, da dimensão da questão, Cf. Almeida, 2008, 146-148.

[...] O processo de invisibilidade [também] foi gerado pelas políticas públicas - ou a falta delas - que não enxergavam em recenseamentos populacionais e censos agrícolas centenas de povoados, comunidades, bairros, sítios e vilas de populações negras, mestiças, indígenas, ribeirinhas, pastoris, extrativistas etc. Camponeses negros - parte dos quais quilombolas do passado - foram transformados em caboclos, caiçaras, pescadores e retirantes. Quase nunca “pretos” podiam ser “pardos” e mesmo “brancos” aos olhos dos recenseadores do IBGE, e o pior: suas atividades econômicas não eram contempladas nos dados censitários, pois se articulavam entre a agricultura familiar, os trabalhadores sazonais e o extrativismo: quase tudo ignorado nos censos agropecuários republicanos (Gomes, 2015, p. 122).

Com este panorama, torna-se perceptível que ocorreu uma exclusão da diversificação existente entre as comunidades rurais pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aparato estatal brasileiro, junto da sua ideologia de representação. Segundo Gomes (2015), como resultado desta problemática, as comunidades negras rurais e comunidades de descendentes de escravizados situadas nestes espaços, foram apagadas por um processo não articulado a configuração presente no espaço rural - outrora consequência das dinâmicas socioeconômicas tradicionalmente alocadas pela estrutura escravagista. Porém, não é difícil acreditar que essas comunidades também criaram dimensionalidades diante da invisibilidade, com culturas e linguagens próprias, e manifestações culturais relacionadas ao rural de base familiar e étnica.

Os fatores da invisibilidade e da estigmatização trouxeram problemáticas para as populações negras rurais no pós-abolição. Como destaca Aldemir Fabiani (2009), outrora ficaram à margem da atuação regular do Estado em políticas públicas, educação, saúde, transporte, comunicação, indenizações, terras, além de outras políticas atreladas à cidadania no período, sendo tratadas para Gomes (2015), comparativamente aos ex-escravos. Entretanto, isso não significava que as lutas históricas protagonizadas por essas populações no mundo agrário deixavam de existir, principalmente pela defesa dos seus territórios, costumes tradicionais e parentescos.

Gomes (2015) ressalta que elas receberam diversas investidas aos seus territórios durante a segunda metade do século XX, efetuadas de forma meticulosa por setores agrários hegemônicos defensores de formas econômicas particulares da terra. Terras que anteriormente não tinham valores lucrativos começaram a ser objeto de interesse.

Ainda neste período, o campo discursivo da reforma agrária no Brasil se articulou às temáticas raciais, especificamente sobre a questão destas comunidades quilombolas. Agora com evidência nacional, a sociedade expressou e demonstrou certas mobilizações através de diferentes campos, como: os movimentos sociais, as universidades, os intelectuais e as novas atribuições dos governos federais, estaduais e municipais, gerando reflexões sobre as situações

destas. Dando destaque para a necessidade da intervenção política, para que as desigualdades raciais existentes fossem combatidas. E, sobre esse momento, Gomes (2015, p. 128) ressalta que,

A história dos quilombos, do passado e do presente, se transformou em bandeira de luta. Na década de 1980, com os debates da Constituinte e a efervescência política, foi criada a Fundação Cultural Palmares (FCP) em pleno período de redemocratização, no governo Sarney. Entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura, a FCP tinha como objetivo formular e implementar políticas públicas voltadas para “potencializar a participação da população negra brasileira no processo de desenvolvimento, a partir de sua história e cultura”.

Assim, estas comunidades invisibilizadas e isoladas por um longo período, se tornaram protagonistas de suas próprias histórias. Em diversas partes do Brasil, em que se acreditava não existir várias mulheres e homens vivendo em comunidades rurais, ribeirinhas e/ou tradicionais, havia, e elas se moviam pela reivindicação de seus territórios e, pela busca de políticas públicas. Gomes (2015) ressalta que durante as décadas de 1980 e 1990, houveram diversos encontros de comunidades quilombolas se organizando e se articulando pela reivindicação dos direitos sobre as terras que habitavam, com as comunidades do Maranhão sendo as pioneiras. Neste período, o termo “remanescente de quilombo” foi criado pelos constituintes como referência a essas comunidades, sendo oficializado pela Constituição Brasileira de 1988.

Na Constituição e nos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), parte dessas mudanças concretas sobre a condição das comunidades apareciam. Tanto os direitos para reivindicação das terras que foram ocupadas pelas gerações anteriores quanto à “delicada” importância cultural dos quilombolas para a nação brasileira eram ensejados pelo véu da institucionalização, com o reconhecimento (certificação) sendo realizado pela Fundação Palmares (FCP) e titulação da terra sendo efetuada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Evidentemente, os quilombos estão presentes por toda extensão territorial brasileira. São aqueles do passado, mas também do presente, estão próximos às cidades grandes, na divisa com terras indígenas demarcadas, tituladas, reconhecidas ou não, estão nas fronteiras, assim como nas áreas de agro exportação. Eles estão por todos esses lugares onde é possível observar a existência de comunidades negras rurais.

Trata-se de uma secular história de luta pela terra articulada às experiências da escravidão e da pós-abolição. Atualmente são tanto as terras herdadas de quilombolas/escravos fugidos e seus descendentes da escravidão como aquelas de doações de senhores ou ordens religiosas a ex-escravos; terras compradas por libertos e herdadas pelos seus descendentes; terras conseguidas do Estado em troca de participação em guerras ou ainda de inúmeras migrações de libertos e suas famílias no período imediatamente pós-emancipação (Gomes, 2015, p. 129).

Dessa maneira é possível compreender que essas comunidades desenvolveram territorialidades¹⁸, utilizações e manipulações da terra, criaram histórias complexas de assenhoreamento agrário e culturas materiais e imateriais distintas relacionadas aos seus parentescos, sendo comunidades densas assim como seus processos de luta por cidadania e identidade.

As comunidades quilombolas no Maranhão foram pioneiras no que diz respeito à reivindicação dos seus direitos e territórios. Desde 1970¹⁹ se articulavam e davam passos para o prosseguimento do movimento das comunidades. É interessante compreender questões histórico-sociais referentes à experiência escravista atípica na região, tal como seus desdobramentos. Região cercada por matas onde populações de escravizados, quilombos, migrantes, entre outros nortistas, se situavam, permaneciam e se movimentavam.

1.2.1. Maranhão, quilombos e as comunidades rurais quilombolas

Primeiramente, é pertinente destacar que desde o século XVII acontecia a inserção de africanos escravizados no Maranhão, porém, era em menor número quando comparado à outras regiões, como a Bahia e Pernambuco²⁰. Segundo Matthias Röhrig Assunção (1996), somente na segunda metade do século XVIII que a escravidão plenamente agrícola será perceptível, fato pelo qual considera a região maranhense uma sociedade escravagista tardia. A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (1755-1777), empresa que tinha o monopólio do tráfico para a região, foi um importante fator da maior inserção de escravizados, tendo importado cerca de 12 mil escravizados durante sua atuação.

Nos anos posteriores houve uma maior intensidade no tráfico, com 41 mil escravizados sendo importados somente entre os anos 1812 e 1820, de modo que, na proximidade da Independência, o Maranhão já apresentava um percentual de 55% da população composta por negros escravizados, sendo a maior do Império.

Os negros escravizados, os braços para o trabalho, estavam recolhidos às fazendas de algodão, arroz e, mais tarde, de açúcar situadas na baixada ocidental e nos vales dos rios Mearim, Pindaré e Itapecuru. Assunção (1996, p. 434) denota que:

¹⁸ A dimensão territorial, segundo Paul Claval (1999, p. 11), inscreve as existências humanas, de tal modo, “as relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais, são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham”.

¹⁹ Cf. Fabiani, 2009.

²⁰ Diferente de Salvador e Recife, os portos de São Luís e Belém não estavam alinhados aos passos do desenvolvimento econômico colonial no Brasil durante o século XVI e XVII. Eles adentraram somente na segunda metade do século XVIII e tinham o africano escravizado como componente principal nas rotas comerciais internacionais (Meireles, 2015, p. 268).

Contrariamente ao Nordeste açucareiro, onde a Zona da Mata se limitava a uma faixa relativamente estreita do litoral, o Maranhão apresentava, em quase toda a parte norte do seu território, abundantes matas com muitos rios e riachos.

Esse fator corroborou em ocupações brandas pelo território maranhense durante um longo período, assim como favoreceu as organizações de quilombos em matas, nascentes de rios e espaços não ocupados pelas grandes plantações que, até certo ponto, estavam fora da alçada do Estado. Assim, além dos quilombolas, desertores e escravos fugidos também encontravam nesses espaços uma segurança, com a zona da mata formando fronteiras.

Fronteiras desse tipo existiram em muitas outras regiões brasileiras. Mas o que distingue o Maranhão é que a área ocupada pelas fazendas escravistas é imediatamente limítrofe à fronteira, tanto que ambas muitas vezes se confundem. Em geral não existiu, durante o século XIX, uma zona intermediária, povoada por uma população pobre livre, tendo a função de “desbravar” o território, se constituindo em “frente de expansão”, precedendo a “frente pioneira” escravista. Tanto que eram frequentes as queixas de fazendeiros do Itapecuru, Mearim e Viana não somente contra os quilombolas, mas também contra o “gentio” que ainda povoava as matas próximas. A constituição de frentes camponesas avançando para dentro da fronteira é um fenômeno mais recente, do qual os quilombolas podem ser considerados, a justo título, os precursores (Assunção, 1996, p. 434).

Desde o século XVIII os quilombos estão presentes no Maranhão, todavia Assunção (1996) ressalta que ainda falta um estudo aprofundado entre as documentações portuguesas para os períodos referentes a 1780 e 1800 sobre sua ocorrência, já no século XIX, estão presentes em diversas, como: periódicos, relatórios de presidentes da província, correspondências das autoridades judiciárias, policiais e militares, sendo possível afirmar que dentre as fazendas escravistas na região, significativas não tinham quilombos em seu entorno pelas menções nesses documentos.

A atividade de caracterizar os quilombos maranhenses em sua amplitude é uma tarefa difícil por se tratar de uma formação social desenvolvida ocultamente, assim como os documentos dispostos para visualizá-los terem sido produzidos²¹ por aqueles encarregados de eliminá-los. É interessante destacar que embora tenham esse teor, ainda nos dão margem para observar suas movimentações pelo Maranhão.

Assunção (1996) destaca que os quilombos estavam localizados em diversos locais, das matas as proximidades das fazendas; em locais mais distantes das fazendas desenvolvendo uma forma de economia de subsistência permanente; ou mesmo realizando uma agricultura de subsistência que oportunizou sua participação em redes comerciais, como as efetuadas pelas comunidades no Turiaçu. Localizados no Turiaçu, em regiões do vale do Itapecuru, nas matas

²¹ A historiografia mencionou parte dos quilombos da região tendo como base as documentações escritas pelos opressores, logo é interessante compreender que outros quilombos e mocambos que não foram encontrados por estes, devem ter ficado livres até a abolição de 1888 (Fabiani, 2009, p. 2).

do Mearim e de Codó, na baixada maranhense, entre outros lugares, lá estavam os quilombos, na região das fronteiras que facilitou

[...] A sobrevivência de grupos numerosos, sobretudo nas matas entre o rio Turi e o rio Gurupi e nas matas de Codó e do Mearim. Nessas áreas, existiram grandes quilombos de duzentas e setecentas pessoas. Conseguiram sobreviver durante décadas, desafiando as periódicas perseguições. As razões para esse sucesso não se deviam apenas às condições ecológicas favoráveis, mas também ao fato de que, longe de serem comunidades isoladas, os quilombos viviam em uma complexa rede de comunicações com a sociedade escravista, que lhes fornecia bens materiais e informações sobre entradas (Assunção, 1996, p. 459).

De tal forma, é possível compreender as inúmeras comunidades negras rurais e remanescentes de quilombolas contemporâneas no território maranhense, são parte desse processo, dessa presença. Outro fator importante para compreender as faces e o desenvolvimento do campesinato na província do Maranhão, é a inserção dos trabalhadores livres. Como sinaliza Fabiani (2009), a imigração de nortistas para a província do Maranhão era uma atividade corrente, principalmente a partir da década de 1870. Da dinâmica, Assunção (1996) ressalta que:

[...] A imigração de cearenses para a província era um fenômeno antigo. Contudo, ela tinha ocorrido de forma espontânea, através do Piauí, num processo de ocupação gradual das áreas não ocupadas pelas fazendas e somente nas zonas de colonização mais antigas do Maranhão oriental (Assunção, 1996, 454).

Devido a chegada de camponeses pobres, que se deslocaram por causa da seca, Fabiani (2009, p. 2) ressalta que “aos poucos foi se formando um segmento do campesinato maranhense”. Pode-se observar descendentes de quilombolas, negros libertos, cearenses e piauienses na formação das comunidades que ocuparam estas terras, em sua maioria livres, embora parte destas tenham sido griladas, invadidas e/ou tomadas.

Nesse contexto, os descendentes dessas pessoas estão em diversos lugares denominados: comunidades quilombolas, comunidades negras rurais e terras de preto, do Maranhão. Ocupadas pela população negra, e que formaram diversos segmentos das comunidades existentes na região, que logo reverbera Codó, município do interior do sertão maranhense. Tal denominação advém da forte presença negra em trabalhos escravistas nos campos e fábricas, assim como dos quilombos formados por estes e outros nas movimentações nas fronteiras de mata. Dado que é possível compreender parte desses desdobramentos no cenário contemporâneo das comunidades rurais quilombolas.

1.2.2. Codó e o cenário das comunidades rurais quilombolas

Os últimos anos apresentam um número moderado de comunidades contempladas com a certificação (o reconhecimento) enquanto remanescente de quilombola pela Fundação

Cultural Palmares (FCP) e a regularização fundiária (titulação da terra) pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (Gomes, 2015). E demonstram uma aglutinação em recenseamentos que não compreendiam a densidade quilombola pela vasta extensão territorial brasileira.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do censo de 2022, lançou à luz pela primeira vez, a dimensão quilombola do território nacional. Os primeiros resultados caracterizam a densidade demográfica quilombola, cerca de 1,3 milhão de pessoas presentes no território brasileiro. A região de maior presença é o Nordeste, e em questão de contingente demográfico, estão respectivamente em primeiro e segundo, os estados da Bahia e do Maranhão. Por meio desses resultados, observa-se que, quantitativamente, os quilombolas representam 0,65% da população brasileira (IBGE, 2023).

A representatividade nos recenseamentos era uma demanda histórica incidida pelas comunidades rurais quilombolas. Os primeiros resultados desenharam a paisagem quilombola na extensão territorial e apontam para a importância do reconhecimento e legitimação dos territórios dos quais ocupam. Logo, somente 12,59 % dos quilombolas estão situados em territórios delimitados e definitivamente reconhecidos, com os outros 87,41% estando em territórios que ainda não foram reconhecidos e/ou delimitados (IBGE, 2023).

Gomes (2015) marca que a existência de diversas associações rurais, o movimento negro, e sobretudo Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), são importantes na medida em realizam ações diante do quadro das diversas comunidades que seguem na luta por políticas públicas de cidadania e reconhecimento.

Em Codó parte destes cenários das comunidades quilombolas podem ser observadas a partir das comunidades existentes na sua extensão municipal, do mesmo modo que alguns dos processos pelos quais passaram e ainda perpassam no que concerne ao seu reconhecimento.

No quadro abaixo, a questão torna-se expressiva ao se observar as comunidades quilombolas que possuem a titulação da terra e a certificação de reconhecimento como remanescente de quilombo, traçando um panorama destas por estes órgãos.

QUADRO 01: COMUNIDADES QUILOMBOLAS RURAIS EM CODÓ, MA

| Processo | Comunidades |
|--------------------|--|
| Tituladas (ITERMA) | Associação Comunitária de Mocorongo, Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais da Eira dos Coqueiros, Associação de Moradores e Produtores Rurais de Santo Antônio dos Pretos. |

| | |
|--------------------|--|
| Certificadas (FCP) | Santa Joana, Matões do Moreira, Cipoal dos Pretos, Bom Jesus, Santo Antônio dos Pretos, Monte Cristo, Matuzinho, Mata Virgem, Eira dos Coqueiros, São Benedito dos Colocados, Puraquê, Três Irmãos, Montabarro, Queimadas, Sete. |
|--------------------|--|

Fonte: INCRA, 2023; FCP, 2023.

A titulação da terra no Maranhão é efetuada pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA), e a certificação pela FCP.

Relativamente ao quadro, somente 17 comunidades detêm a certificação, expedida entre os anos de 2007 e 2016, e apenas 3 detêm a regularização fundiária, expedida pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA). Nas dinâmicas de algumas delas, o conflito no campo também é uma questão. Há 7 anos nenhuma comunidade é certificada, e há 24 nenhuma foi titulada.

O panorama do quadro demonstra como o reconhecimento das comunidades atravessam diferentes etapas e estão alicerçadas por diferentes campos de atuação que as reconhecem como tal. São processos que comportam problemáticas advindas da invisibilidade e do reconhecimento do Estado, este que como pôde-se observar, dá sustentação pela via jurídica na sua reafirmação como remanescentes de quilombo, logo de seus sujeitos identificados como quilombolas (Gomes, 2015).

A identidade quilombola compreende uma representação para esses sujeitos que por muito foram marginalizados nacionalmente pela esfera estatal. A Lei de Terras de 1850, conforme Ilka Boaventura Leite (2010, p. 18) destaca, fora “[...] redigida no evidente contexto de esgarçamento e saturação do sistema escravista, [e que] contribuiu substancialmente para tornar invisíveis os africanos e seus descendentes no novo processo de ordenamento jurídico-territorial do país”. Assim, observar a questão da identidade,

[...] dá espaço para o reconhecimento das instâncias organizativas dos grupos que se autoreconhecem a partir de noções de pertencas construídas e legitimadas no interior dos próprios grupos embora decorrentes de dinâmicas e forças sociais em movimento (Leite, 2010, p. 19).

Essas comunidades são atravessadas por sujeições econômicas, institucionais e territoriais, que foram em certo momento e, ainda assim realizam movimentos no âmbito das delimitações do Estado, ou não. A importância das experiências que essas comunidades têm se evidencia na luta de suas existências, sua vida e principalmente sua terra, porque

A luta das comunidades quilombolas do Brasil reside na conquista da regularização de seus territórios como o primeiro passo para a conquista da cidadania. Mas a conquista dessa cidadania não é apenas a terra e o território. Junto com estes vem o

reconhecimento de seus direitos, enquanto grupo étnico com especificidades no contexto da realização da reforma agrária para a população negra da zona rural (PVN/CCN-MA, 2010, p. 299).

A luta, como ressalta Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008), se caracteriza pela proporcionalidade do rompimento com a invisibilidade social e histórica acometida as comunidades rurais quilombolas. Tal como seus modelos de assenhoreamento de recursos constituídos no uso comum e suas condições culturais específicas que apresentam modificações do mundo rural.

As movimentações realizadas pelas comunidades, que inegavelmente não são isoladas ou mesmo estáticas, figuram suas reivindicações diante das especificidades apresentadas. O contexto da construção e do reconhecimento da identidade quilombola brasileira reverbera numa construção sociocultural deslocada do centro de articulação do Estado e as forças constituintes de suas dimensões culturais, históricas e políticas.

Todavia, a identidade quilombola tem se movimentado diante das problemáticas vividas no cenário social, histórico e político-jurídico. Os movimentos são fundamentados culturalmente por meio do desenvolvimento de associações, vínculos coletivos e familiares. E, estes dizem respeito aos contextos formativos e as complexidades em torno do território em questão. Dessa forma, nota-se como as identidades quilombolas estão vinculadas a estas questões destacadas que, evidentemente, as fortalecem em meio a dinâmica brasileira, com densos processos sociais e históricos, tal como as narrativas vivenciadas por estes sujeitos, como os quilombolas da Comunidade Quilombola Queimadas.

CAPÍTULO II

O PROCESSO DE FORMAÇÃO, RECONHECIMENTO E ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS

Para falar sobre a Comunidade Quilombola Queimadas, é necessário contemplar seus processos de formação, reconhecimento e organização, e desta maneira, compreender suas densidades, tecidas pelas narrativas versadas pelos sujeitos que lá residem. Tradicionalmente na história, estes sujeitos estavam na condição de não presentes²², logo, de que maneira outra seria possível descrever estes processos senão por meio das narrativas dos quilombolas da comunidade.

As narrativas memoriadas entoam aspectos pertencentes à construção da memória, da comunidade e da identidade entre os quilombolas. Assim, justamente com esta percepção e a quase inexistente documentação que registra a história da comunidade, encontrei suporte na perspectiva da história oral. Estes processos são contextualizados por narrativas que dão dimensão da densidade do contexto histórico da comunidade, de modo que são descritos através de uma interpretação, enlaçada pela dinamicidade social quilombola brasileira.

A história oral dimensiona formas de mensurar os processos sócio-históricos, questões formativas, de identidade cultural e entre outras dinâmicas inerentes às configurações culturais presentes em comunidades negras rurais e quilombolas. José Francisco Araújo (1999) assinala que a perspectiva da história oral retira o papel secundário e inferiorizado comumente outorgado na história para essas comunidades, “[...] fornecendo elementos para um entendimento mais geral dos processos de formação da nossa sociedade, como também do seu caráter pluriétnico (Araújo, 1999, p. 58).

2.1. História e memória

Diversos discursos e representações podem ser observados na historiografia, de modo que sua finalidade social compreende caracteres ínfimos e extremos. Paul Thompson (1992) ressalta que, essa finalidade social fundamental da história, se apresenta enquanto questão relacionada à história oral, na razão em que ela se torna estimulante para alguns e temerosa para outros.

²² Os percursos histórico-sociais que compreendem não fizeram parte das documentações escritas e oficiais (Araújo, 1999, p. 46).

Alessandro Portelli (2016), ao citar Gianni Bosi, denota que a história oral pode ser entendida como uma abreviação para a utilização de fontes orais na História e nas Ciências Sociais. Fontes que englobam narrativas dialógicas, individuais e informais, construídas por meio de entrevistas, logo do contato entre o narrador e o pesquisador.

Para Thompson (1992, p. 22), “a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história”, porque ela traz possibilidades de alterar o ângulo em perspectiva, o que evidencia novos cenários investigativos e o rompimento de obstáculos. Possibilidades estas, resultantes das experiências das pessoas como material fonte da produção historiográfica, as quais expressam novas dimensões da história.

[...] Com a introdução de nova evidência antes não disponível; com a mudança de enfoque da investigação e com a abertura de novas áreas para ela; contestando alguns dos pressupostos dos historiadores e julgamentos por eles aceitos; reconhecendo grupos importantes de pessoas que haviam estado ignoradas, dá-se início a um processo cumulativo de transformações. Amplia-se e se enriquece o próprio campo de ação da produção histórica; e, ao mesmo tempo, sua mensagem social se modifica. Para ser claro, a história se torna mais democrática (Thompson, 1992, p. 28).

A fonte oral reverbera em uma proporcionalidade social da história, em que tratar-se-á de vidas por meio da fala, e não pela qualidade da escrita, por vezes rigorosa e restrita frente a determinadas pessoas e grupos. Thompson (1992) ressalta que a história oral²³ se desenvolve justamente por meio dessas vidas, lançadas na direção do quadro discursivo da história, ao mesmo tempo em que desafia seus dilemas consagrados e tradicionalmente instituídos.

Outrora, o obstáculo para o tratamento da história oral no campo tradicional incidia no fator da confiabilidade, nas possíveis sinuosidades decorrentes da memória e da subjetividade. Acerca deste ponto de vista, Portelli (2016) realiza dois pareceres: primeiro, não se trata de um ponto contundente, porque, como se teria certeza de que sinuosidades não estariam presentes nas fontes documentais? Como em todas as fontes, é necessário realizar uma análise das fontes orais em conjunto de outros tipos de fontes e informações; em segundo, o que torna as fontes orais importantes, é justamente a elaboração dos fatos por meio de comportamentos trabalhados no domínio da memória e da linguagem, as quais lhes provêm significação.

A memória, a subjetividade e a linguagem são questões parte do eixo da fonte oral. Com efeito, “a história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória” (Portelli, 2016, p. 18). A memória não se trata

²³ Há de se destacar que, na história oral e o seu processo de entrevista, residem possibilidades de se encontrarem documentações que por vezes não seriam encontradas em outro momento (Thompson, 1992).

de um porão de ideias ou uma gaveta de fotografias inertes no tempo e no espaço; trata-se de um processo constante de elaboração e reelaboração de significados ligados às experiências das pessoas e suas configurações culturais.

Maurice Halbwachs (1990) acentua o caráter social da constituição da memória, parte das instâncias organizativas no seio das sociedades (seja de forma individual e/ ou coletiva). E como ela reverbera as vivências, lembranças, laços e coletividades, de modo que se constitui relações de pertença, experiências nos quadros sociais e processos históricos. De tal modo, a memória logo é a estrutura da fonte oral e suas narrativas.

Dessa maneira, como bem destaca José Eduardo Aceve Lozano (2006), a história oral converge-se, em um

[...] Espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos histórico-sociais (Lozano, 2006, p. 16).

Com a omissão e o descarte das “[...] contribuições históricas das sociedades de pequena escala, arriscamo-nos a perder evidências da diversidade humana e de soluções alternativas para problemas humanos complexos” (Cruikshank, 2006, p. 164). A história oral e a descrição densa se apresentam como alternativas pertinentes para se ampliar o quadro da diversificação da história e da cultura, da extensão multicultural presente na sociedade.

No tocante às comunidades negras rurais e quilombolas no contexto brasileiro, essa alternativa permite compreender melhor seus processos, mediante diálogos com seus sujeitos, os quilombolas. Estes são atores sociais e históricos, de modo que suas narrativas expressam memórias, experiências e vivências, as quais dão densidade aos seus processos de formação, reconhecimento e organização, em caráter da memória social. Narrativas das quais pode-se constatar na Comunidade Quilombola Queimadas.

2.2. Quilombos

Por meio das histórias orais dos quilombolas de Queimadas, desvela-se a ideia-imagem do processo de formação histórica da comunidade. Histórias que adentram memórias, caracterizam o desenvolvimento da comunidade e indicam parte da dimensão formativa nas proximidades da área territorial que a compreende.

O desenvolvimento de Queimadas, segundo Maria, mulher, 45 anos de idade, nascida e moradora de Queimadas, declarada preta e quilombola, católica, agricultora, quebradeira de coco, casada, mãe, avó e líder comunitária, possui o seguinte advento. Sua avó lhe contou que a mãe dela era uma mulher negra escravizada que trabalhava na Fazenda Ingá, localizada na

atual região do município de Coelho Neto. Em 1899, sua bisavó, ainda jovem, conseguiu fugir com seus parentes da fazenda, localizando-se mais tarde em Queimadas - anteriormente conhecida como Varginha - onde conseguiu se estabelecer²⁴.

Em determinado momento, ela conheceu Chico Mulato, um imigrante cearense que havia encontrado alento em Queimadas devido à seca do sertão. Eles dois se casaram e tiveram vários filhos, netos, bisnetos e tataranetos, constituíram uma família. Família que aumentou ao longo dos anos e, que está dentre as que compõem o desenvolvimento inicial do quilombo²⁵.

Conforme ressalta Luís, homem, 61 anos de idade, nascido e morador de Queimadas, declarado preto e quilombola, católico, agricultor, pescador, casado, pai e avô, se observa que sua família também fez parte deste desenvolvimento, logo sua avó lhe falou que chegou em Queimadas em companhia de sua mãe no ano de 1905. Quando as duas chegaram, encontraram a família da bisavó de Maria, a líder comunitária, assim como uma outra, que se situavam no local²⁶. Sua bisavó também fora mulher negra escravizada e trabalhava em uma determinada fazenda da localidade de Mata Grande, situada no atual município de Buriti de Inácia Vaz. Na dada localidade, atuava dentro da casa grande, até que, de certa forma, conseguiu fugir.

Conjuntamente de outras pessoas negras e negros escravizados fugidos desta localidade, sua bisavó chegou a situar-se, por um breve período, em uma comunidade que havia se formado na atual localidade de Parnaso. Nessa localidade, ela conheceu uma parteira, que também fora escrava fugida, lembrada pelo seu nome, Maria Preta. Posteriormente, deslocou-se para Queimadas que é bem próxima de Parnaso, onde constituiu família²⁷.

Nestas histórias, contadas por seus avós e rememoradas, Maria e Luís, outrora filhos, netos e bisnetos, caracterizam o advento de Queimadas e denotam o quadro geracional que a rege, logo os quilombolas atuais são os descendentes das três famílias relatadas. Como pontua Maria²⁸, “[...] [eram] *três famílias grandes que tinha aqui na comunidade, que ainda hoje tem, mas são só as pessoas mais novas. Ainda têm essas três famílias que construíram a comunidade, que se tornou bem grande*” (Maria, 2023), e gestaram o quilombo.

²⁴ Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

²⁵ Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

²⁶ A outra família seria a de dona Lídia, moradora da comunidade. Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

²⁷ Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

²⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Compreende-se que a formação da comunidade corresponde ao último quartel do século XIX e início do século XX, cujos formadores, eram pessoas negras e negros escravizados fugidos e migrantes da seca do sertão. As movimentações realizadas por estas pessoas resultaram no encontro da segurança e da moradia na terra de fronteira de Mata Queimadas. Terra que não era o único destino das pessoas em fuga e migração - da atual região do nordeste.

Em comunidades próximas, como Três Irmãos e Montabarro, pode-se observar a dinamicidade destes destinos, qualidade que ressalta a pertinência de mencioná-las em parte. Três Irmãos foi desenvolvido por volta de 1814, gestado por uma mulher negra escravizada que havia fugido da Fazenda Tapirema, em Coelho Neto, de nome Ricarda. Ela se casou, teve filhos e descendentes, dos quais ainda residem na comunidade²⁹.

No final do século XIX, migrantes do Piauí também se localizaram em Três Irmãos, em consequência da seca, onde seus descendentes continuam a viver. Uma questão pertinente à dada comunidade é que Ricarda plantou dois pés de mangas na comunidade, que atualmente são árvores altas e, elas possuem não apenas valor cultural e simbólico para os quilombolas, como histórico. No tocante a Montabarro, pode-se constatar famílias de descendência de negras e negros escravizados fugidos da região do atual município de Caxias, assim como de migrantes cearenses devido a seca. Pelas imediações, em comunidades como Parnaso e São Benedito, gerações com essas descendências também podem ser encontradas³⁰.

O processo formativo destas comunidades caracteriza-se mediante o desenvolvimento campesino maranhense e sua multiplicidade, uma vez que convergem às comunidades negras rurais e quilombolas, como já mencionado no capítulo anterior. O panorama funciona como um indicador da densidade formativa das comunidades na região codoense, de modo que há margem para contemplar os processos e as experiências de sua constituição.

Quatro pontos sobressaem-se diante do panorama, sendo elas: a fuga; a mata; a migração; e a seca. São pontos que reverberam o cenário das comunidades Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, assim como sua trajetória de construção identitária e reconhecimento, logo, leva-nos a um ponto/questão não menos importante a ser elencada, a experiência de associatividade entre elas.

2.2.1. Comunidades

²⁹ Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

³⁰ Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

No início do século XX, as terras ocupadas, desenvolvidas e estabelecidas a muitos anos por Queimadas, Três Irmãos, Montabarro e comunidades próximas, foram reivindicadas como propriedades de determinado senhor. Dada sua “legitimidade” sobre as terras, expulsou diversas famílias com medidas violentas. Na década de 1980, as vendeu para uma empresa da macrorregião sudeste³¹.

As famílias que ainda ficaram, tiveram que trabalhar na terra, assim como, tinham que pagar um arrendamento³² para a empresa. Em certo momento a atividade exercida por ela cessou devido sua falência. Com isso deixou de atuar na área, porém, sua ausência durou pouco tempo, já que no início dos anos 1990, a empresa voltou à ativa³³. E diante das sujeições que incidiam nas comunidades, um conflito no campo se iniciou no ano de 1992, como destaca Maria³⁴.

Neste contexto, é interessante notar que, entre as décadas de 1980 e 1990, diversos conflitos no campo desenhavam o cenário violento do sertão maranhense, como apontam José Carlos Aragão Silva e Jascira da Silva Lima (2022). O cenário exacerbado configura a ação governamental que prorrogou medidas favoráveis aos grileiros e latifundiários. Conseqüentemente, expulsões forçadas de diversas famílias camponesas de suas terras para outras regiões, assim como humilhações, ameaças e assassinatos, se fizeram presentes no campo.

Nas últimas décadas do século XX, o Maranhão estava entre os estados mais violentos do Brasil, sendo o segundo mais violento do Nordeste. Segundo Silva e Lima (2022), a ausência de uma reforma agrária que compreendesse a amplitude da região reverberou o dado cenário. Não obstante, há de se notabilizar que “sempre haverá resistência dos camponeses/as, pois eles acreditam que é através da luta que a reforma agrária virá” (Silva; Lima, 2020, p. 10).

As narrativas dos camponeses atingidos por esses conflitos constituem histórias importantes para se compreender a dada problemática que atravessa o século XIX (Silva; Lima, 2022). Desde 1985, os cadernos Conflitos no Campo no Brasil publicados pela Comissão

³¹ Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

³² Maria destaca que tinham que trabalhar no corte de cana de açúcar. Nesse período eles exigiam que os moradores realizassem o corte, três vezes por semana, trabalho que ainda hoje é realizado pela corporação nas proximidades. Acerca do coco que era quebrado, ele somente deveria ser vendido para eles. Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

³³ Histórico. Território Quilombola De Queimadas, Três Irmãos e Montabarro, Zona Rural De Codó, Estado do Maranhão, 2014.

³⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Pastoral da Terra (CPT) entoam essas problemáticas, expressando o panorama em sua vasta extensão territorial.

Na região do Maranhão, diversos municípios podem ser observados nos quadros de conflitos, dentre os quais, Codó. Entre 1985 e 2002, não há menções ao município. A primeira ocorreu no ano de 2003. O quadro abaixo traz povoados e comunidades rurais que foram mencionadas nesses cadernos, e compreende os anos de 2003 a 2018, em 2019 não há menções, com o retorno de ocorrências em 2020 e anos subsequentes.

QUADRO 02: CONFLITOS NO CAMPO EM CODÓ, MA (2003-2018/2020-2022)

| Ano | Comunidades rurais |
|------|---|
| 2003 | Povoado Cipoal |
| 2004 | Povoado Barro Branco |
| 2005 | Comunidade Quilombola Matões dos Moreira, Matões dos Caboclo |
| 2006 | Comunidade Quilombola Todos os Santos |
| 2007 | Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Mata Virgem, Comunidade Quilombola Todos os Santos, Povoado Santa Rita dos Moises. |
| 2008 | Fazenda Salva Terra, Comunidade Santa Rita dos Moises, Fazenda São João, Comunidade Todos os Santos, Mata Virgem. |
| 2009 | Mata Virgem, Fazenda São João, Comunidade Todos os Santos, Comunidade Quilombola Cipoal dos Pretos, Fazenda Salva Terra, Comunidade Santa Rita dos Moises, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Povoado Buriti Corrente. |
| 2010 | Cocal, Comunidade Queimadas, Comunidade Três Irmãos, Estiva, Fazenda Salva Terra, Comunidade Santa Rita dos Moisés, Mata Virgem, Montabarro, Parnaso, Povoado Buriti Corrente, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Povoado Cacimba de Areia, Povoado Limão, Povoado São Domingos. |
| 2011 | Cocal, Comunidade Queimadas, Comunidade Quilombola Matões do Moreira, Matões dos Caboclo, Comunidade Três Irmãos, Comunidade Riacho Seco, Estiva, Mata Virgem, Montabarro, Paiol de Barro, Parnaso, Povoado Buriti Corrente, Povoado Cacimba de Areia, Povoado Limão, Povoado São Domingos. |
| 2012 | Comunidade Queimadas, Comunidade Quilombola Cipoal dos Pretos, Comunidade Quilombola Matões dos Moreira, Matões dos Caboclo, Comunidade Quilombola Santa Maria dos Moreiras, Comunidade Três Irmãos. Comunidade Poraquê, Estiva, Fazenda Manguinhos, Povoado Buriti Corrente, Fazenda Salva Terra, Lagoa do Leme, Mata Virgem, Montabarro, Parnaso, Povoado Limão, Povoado São Domingos, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança. |
| 2013 | Comunidade Queimadas, Comunidade Quilombola Santa Maria dos Moreiras, Comunidade Três Irmãos, Comunidade Livramento, Comunidade Poraquê, Fazenda Manguinhos, Povoado Buriti Corrente, Lagoa do Leme, Montabarro, |

| | |
|------|--|
| | Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Povoado Brejo Seco. |
| 2014 | Bom Jesus, Comunidade Queimadas, Comunidade Quilombola Santa Maria dos Moreiras, Comunidade Três Irmãos, Comunidade Livramento, Comunidade Poraquê, Fazenda Manguinhos, Povoado Buriti Corrente, Jerusalém, Montabarro, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança. |
| 2015 | Comunidade Quilombola Mata Virgem, Comunidade Quilombola São Benedito dos Colocados, Comunidade Três Irmãos, Montabarro, Queimadas, Comunidade Poraquê, P. A. Imperial, Povoado Amparo e Barro Vermelho, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança. |
| 2016 | Cocal, Comunidade Queimadas, Comunidade Quilombola Cipoal dos Pretos, Comunidade Quilombola Mata Virgem, Comunidade Quilombola Santa Maria dos Moreiras, Comunidade Quilombola São Benedito dos Colocados, Comunidade Três Irmãos, Montabarro, Queimadas, Comunidade Livramento, Comunidade Puraquê, Comunidade São Cristóvão, Montabarro, P. A. Imperial, Parnaso, Povoado Cacimba de Areia, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Roque, Axixá. |
| 2017 | Comunidade Quilombola Cipoal dos Pretos, Comunidade Quilombola Mata Virgem, Comunidade Quilombola Queimadas, Comunidade Quilombola Santa Maria dos Moreiras, Comunidade Quilombola São Benedito dos Colocados, Comunidade Três Irmãos, Montabarro, Queimadas, Comunidade Poraquê, Comunidade São Cristóvão, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Roque, Axixá. |
| 2018 | Cocal, Comunidade Morada Nova e Marajá, Território Quilombola Santa Maria dos Moreiras, Comunidade Quilombola Cipoal dos Pretos, Comunidade Quilombola Mata Virgem, Comunidade Quilombola Queimadas, Comunidade Três Irmãos, Comunidade Poraquê, Comunidade São Cristóvão, Fazenda Manguinhos, Povoado Buriti Corrente, Montabarro, Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Roque, Axixá, Povoado Cajazeiras. |
| 2020 | Comunidade Quilombola São Benedito dos Colocados. |
| 2021 | Comunidade Quilombola São Benedito dos Colocados, Comunidade Quilombola Três Irmãos, Comunidade Morada Nova e Marajá, Território Quilombola Santa Maria dos Moreiras, Bom Jesus, Jerusalém, Povoado Vergel, Comunidade Quilombola Queimadas. |
| 2022 | Povoado Vergel, Vergel, Fazenda Boa Esperança, Comunidade Quilombola Cipoal dos Pretos. |

Fonte: Comissão Pastoral da Terra, 2003 - 2022.

O quadro caracteriza essa dinâmica do conflito no campo em Codó. É importante destacar que, embora não contemple todas as ocorrências em todos os anos, uma vez que é necessário ter o conhecimento sobre o conflito para tal advento, o quadro reluz a atividade incessante da luta pela terra que jaz no município.

Acerca das menções às comunidades Queimadas, Três Irmãos e Montabarro. Queimadas e Três Irmãos aparecem 10 vezes, observáveis de 2010 a 2018, e no ano 2021. Montabarro aparece um total de 9, de 2010 a 2018. As menções representam o conhecimento do conflito

vivido pelas comunidades durante os referidos anos. Conflito que, como mencionado por Maria³⁵, começou em 1992.

Seguidamente, um processo de articulação associativa se desenvolveu, o qual fora estabelecido por Queimadas, Três Irmãos e Montabarro. O cenário de articulação compreendia a face das lideranças comunitárias de cada uma das comunidades. Maria³⁶, liderança de Queimadas, expressa que realizavam convites para as famílias presentes nas comunidades participarem das reuniões. A finalidade compreendia discussões dos assuntos referentes às comunidades de forma conjunta.

Dentre os resultados desta articulação, houve a fundação da Associação dos Agricultores e Agricultoras na Agricultura Familiar dos Povoados Três Irmãos, Queimadas e Montabarro, marcada pelo dia 07 de setembro de 2011, com Maria sendo a presidenta³⁷. Todavia, como afirma Maria³⁸, a formação da unidade de representação associativa refletiu uma maior intensidade das subseqüentes: pressões de despejos, e as ameaças contra as integridades físicas dos quilombolas de Queimadas.

Entre 2006 e 2009, as pressões e ameaças efetuadas pela empresa criavam um sentimento de medo de contínuo nas localidades. Nesses períodos, Luís³⁹ rememora que se construíssem uma casa ou uma capela, um representante da empresa dizia que era proibido e/ou iriam derrubar. Havia representantes nas três localidades que vigiavam suas atividades. Sobre esses momentos vivenciados por elas, há de se destacar que as mesmas não estagnaram diante das referidas problemáticas.

No tocante às reuniões dos quilombolas, elas detinham um caráter formativo, cujo objetivo, como sublinha Maria⁴⁰, era: “*Abrir os olhos, levantar da cadeira e ir à luta*” (Maria, 2023). Questões como: a polarização entre os quilombolas e outros sujeitos se fizeram presentes, com certas prerrogativas heterogêneas acerca do levante. Há de se destacar que compreendiam das mesmas pretensões do direito à terra. Nessas reuniões, debates e conversas

³⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

³⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

³⁷ Estatuto Social. Associação dos Produtores e Produtoras Rurais na Agricultura Familiar dos Povoados Três Irmãos, Queimadas e Montabarro - Codó, MA, 2011.

³⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

³⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁴⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

relevantes eram propostos, os quais caracterizam a experiência do reconhecimento da identificação entre os quilombolas, como bem expressa Maria⁴¹:

Para isso, para que a gente pudesse se identificar, a gente teve vários encontros aqui, até porque ainda hoje mesmo as pessoas tem dúvida do que é quilombo, o que é quilombola. Sabemos que são pessoas escravas, pessoas pretas, mas as pessoas não querem se identificar como preta. E aí para isso a gente teve vários encontros, juntando as pessoas, fazendo procura para as pessoas, para as pessoas poder contar a história de cada um, para que a gente pudesse se identificar como quilombo, como é a nossa realidade, e aí para isso a gente teve esses vários encontros, encontro de formação! Para que a gente pudesse entender o significado de quilombo, de escravo, mas as pessoas não, não conhece... acho que não conhece, não entendia, não queria entender... não sei... , e aí a gente, através desses encontros de formação que a gente pode, se identificar, falar, contar nossa história de cada um e aí a gente foi se identificando como quilombo, se a gente já era quilombo mas a gente não tinha o conhecimento, mas através desses encontro de formação foi que a gente veio se declarar como quilombo (Maria, 2023).

Com isto, se verifica a experiência que reluz o processo de reconhecimento (certificação) das referidas comunidades associadas como remanescentes de quilombo. Luís⁴² pontua que diferentes instituições como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Paróquia de São Raimundo de Codó, e a organização não governamental (ONG) alemã, Cooperaxxon exerceram apoio nessa dinâmica em conjunto dos quilombolas, com: diálogos sobre o quadro histórico social e político das comunidades quilombolas; advogado para atuação e representação no campo jurídico; e o custeamento de viagens para Codó, São Luís e Brasília. O ITERMA e o INCRA também realizaram visitas nas comunidades, orientando os quilombolas em aspectos referentes à questão da terra.

O percurso de resistência, associatividade e luta, assim como de altos e baixos, como ressalta Maria⁴³, trouxe resultados. As comunidades Queimadas, Três Irmãos e Montabarro foram certificadas enquanto remanescentes de quilombo pela Fundação Cultural Palmares em março de 2015, sendo registradas no Livro de Cadastro Geral nº 17 publicado no Diário Oficial da União (BRASIL, 2015). Atualmente as comunidades estão com o processo de titulação da terra (a regularização fundiária) em aberto pelo INCRA, requerido através de sua associação, que os representa enquanto único território no âmbito institucional.

As associações organizadas pelos quilombolas das três comunidades quilombolas denotam experiências coletivas. Nota-se como as lideranças das comunidades são atores em

⁴¹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁴² Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁴³ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

movimento e, que movimentam a dada articulação voltada ao bem comum: a defesa pela territorialidade que se constituirá.

Por meio de reuniões formativas, do autoconhecimento, os quilombolas participantes resgatam e compreendem suas historicidades, sociabilidades e a proporcionalidade da organicidade, dado o fato conflituoso. Conseguem deter para si essas experiências não apenas como parte da associatividade, elas se tornam propulsoras nas relações sociopolíticas e raciais.

Dessa maneira, as memórias e as experiências intercalam-se às vivências de cada um dos quilombolas destas comunidades. Vivências presentes entre os quilombolas de Queimadas, as quais trilham caminhos sobre a dimensão da sua organização, e a construção da territorialidade.

2.2.2. Veredas

Em um primeiro momento, há importância em se atentar à questão toponímica de Queimadas. A denominação pode indicar a atividades da queima em áreas de mato e roça aos arredores da comunidade⁴⁴, embora não seja uma noção com correlação primeira. Como o próprio substantivo feminino da palavra prenuncia, a denominação perfaz-se em face de uma certa ação, outrora, realizada por algumas mulheres da comunidade.

Conforme expressa Edson⁴⁵, homem, 38 anos de idade, nascido e morador de Queimadas, declarado preto e quilombola, católico, agricultor, pescador, casado, pai e o atual presidente da Associação dos Agricultores e Agricultoras na Agricultura Familiar dos Povoados Três Irmãos, Queimadas e Montabarro, o termo “queimada” na comunidade, como dizem os mais velhos, é utilizado como expressão popular direcionado a pessoas que bebem muito. Sobre a questão, Maria⁴⁶ pontua que sua avó lhe contava o seguinte:

Aqui toda vez que falava na, aqui nesse povoado aqui (Varginha), dizia: “não, é lá nas Queimadas”, porque diz que a mulher bebia muito. E aí não é que esse nome pegou, aí ficou Queimadas, o nome mudou por causa disso, porque diz que aqui a mulher bebia muito, que bebiam mesmo (Maria, 2023).

Anteriormente, Varginha por muito contemplava a denominação da comunidade devido à proximidade entre as comunidades nesta área específica⁴⁷. Varginha, em conjunto com Cutá (forma anterior de se referir ao Cocal) eram os nomes pelos quais se referiam às pessoas quando

⁴⁴ A atividade da queima é utilizada para preparar a terra para o plantio.

⁴⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁴⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

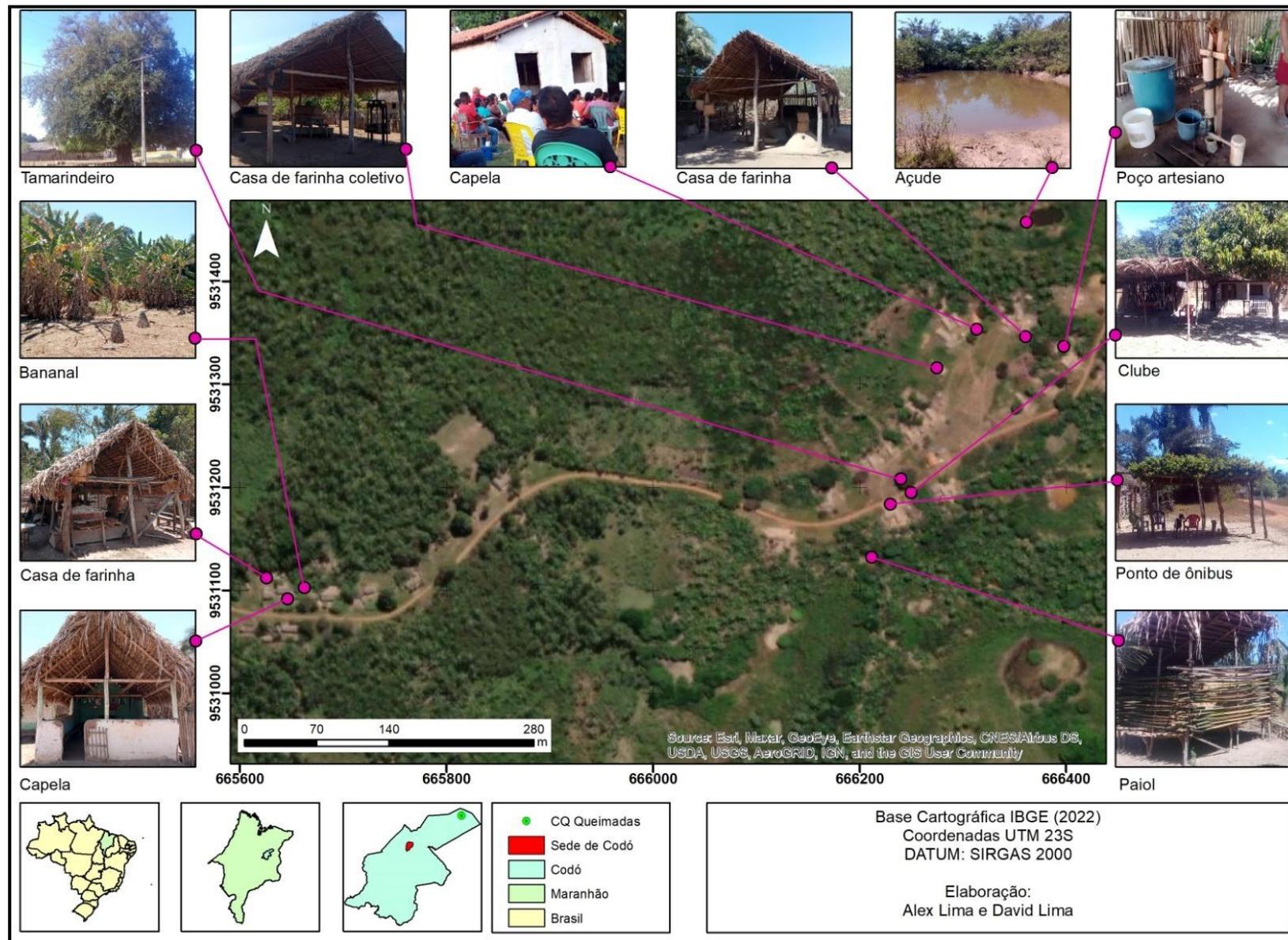
⁴⁷ Dados da pesquisa, entrevista realizada com MR, 2023.

se deslocavam nas direções destas comunidades (que podem ser citadas como povoados, localidades e interiores). E, referente a Queimadas, Maria⁴⁸ expressa que, embora fossem perto um do outro, havia uma separação: “*Aí lá na Varginha, eles já eram família de mulata eles, eles não gostavam muito de beber, e já aqui na Queimada, tinha muita mulher que bebia*” (Maria, 2023). Assim, a comunidade ganhou o referido nome.

Na figura abaixo é possível observar a área em que se localiza Queimadas. A comunidade fica a nordeste da zona rural do município de Codó, popularmente conhecida como região da Trizidela. O trajeto é cercado pelas densas matas dos cocais, ecossistema característico do sertão amazônico maranhense, e demora em média duas horas para chegar, dependendo da condição da estrada, do meio de transporte e do tempo (da condição atmosférica). Aqueles que não tem costume de realizar o trajeto nessa região, podem se perder em meio as similaridades da paisagem. Referenciam a chegada na localidade, o rio Iguará pelas adjacências, diversas casas de taipa rodeadas palmeiras, além de um tamarindeiro ao lado da escola municipal. Compreende uma distância de 65 km da Sede de Codó (perímetro urbano).

⁴⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Figura 01: Mapa de Localização da Comunidade Quilombola Queimadas, Codó - MA, Brasil



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado por Alex de Sousa Lima e David dos Santos Lima, 2023.

Para além da localização, a figura acima lança luz sobre o caminhar por Queimadas. É um convite para desvendar veredas e vivências que são parte de suas dimensões culturais, naturais e econômicas, de sua organização. O qual detém impressões importantes para compreensão dos vínculos dos quilombolas com o território e suas modificações, como as práticas culturais, o trabalho, a religiosidade, as festividades e entre outros aspectos dos quais dialogaremos nesse momento.

Dentre percursos, palavras como: coco e roça, se apresentam com significância, principalmente ao se levar em consideração o amanhecer do dia para trabalhadoras e trabalhadores.

Figura 02: Arroz em cofos dentro do paiol



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A agricultura familiar representa o modo de produção basilar na comunidade, a qual Maria⁴⁹ caracteriza, ao destacar que as pessoas que trabalham na roça realizam o plantio de diversos cereais e leguminosas.

As pessoas que trabalham na roça, eles plantam tudo, graças a Deus, até porque temos uma terra boa. Ai a gente planta o arroz, a gente planta o milho, a gente planta o feijão, a gente planta a batata, a mandioca, abóbora, quiabo, o maxixe, a fava, a gente planta de tudo, aí a gente sobrevive da roça (Maria, 2023).

⁴⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Mulheres e homens costumam realizar o trabalho nos roçados, como Edson⁵⁰, que, ainda cedo, parte para a roça. Com frequência, ele faz roça em áreas próximas de sua residência, assim como nas mais distantes também, sempre alternando os locais.

A roça é realizada especificamente com o propósito de subsistência, sendo inabitual a comercialização dos produtos que nela cultivam, embora seja uma alternativa. Edson⁵¹ planta do feijão a mandioca, tendo no mês de agosto de 2023, realizado o plantio do arroz. Como seu roçado era próximo de sua residência, era possível chegar a ele em poucas passadas de um caminho estreito. O arroz estava, em parte, tirado e guardado no paiol⁵² como pode ser visto na figura acima (figura 02), já pronto para ser batido com os *jirol*⁵³.

Edson⁵⁴ destaca que somente o arroz foi plantado dessa vez porque não poderia juntá-lo⁵⁵ com o milho naquela área de terra de barro (área próxima ao rio Iguará). O milho não aguentaria a água presente, porque além de secar rápido, quando o rio tem força expressiva⁵⁶ poderia empurrá-lo, diferente do arroz que continuaria firme. Por esse mesmo motivo, aquela não era uma área apropriada para plantar feijão, que cairia bem melhor em uma terra de areia.

Assim, pelas manhãs, como pontua Carlos⁵⁷, homem, 62 anos de idade, nascido e morador de Queimadas, declarado negro e quilombola, católico, agricultor, casado, pai e avó, depois de amolar a foice, é hora de tocar (sair) para fora (o mato) sozinho ou em conjunto com outras pessoas, hora de ir para a atividade e profissão corrente entre os quilombolas, hora de trabalhar nas roças. Sobre os meses que antecedem agosto, ele ainda resalta que: “*todo mundo vai plantar suas mandioquinhas, e quando é um tempo desse, tá fazendo suas farinhazinhas*” (Carlos, 2023). A roça faz parte da vida dos quilombolas.

⁵⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁵¹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁵² Local de armazenamento de produtos agrícolas.

⁵³ Varetas finas cortadas de árvores nas proximidades.

⁵⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁵⁵ O plantio em determinadas áreas costuma ser realizado com a mistura de cereais e grãos diversificados.

⁵⁶ Quando o rio fica em estado corrente no período chuvoso.

⁵⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Figura 03: Quebra do coco babaçu



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ainda cedo, as mulheres tendem a sair em direção ao mato para catar o coco babaçu deixado pelas palmeiras aos arredores da comunidade. Algumas das quebradeiras de coco passam a manhã toda juntando e, por vezes, realizam a quebra do coco no mesmo local. Outras deixam para quebrar em uma pequena casa onde os cocos já ficam reservados, como a nora do senhor Luís, que estava realizando a atividade durante a tarde, a qual pode ser observada na figura acima (figura 03).

No quintal de casa também se quebra o coco, como faz Rosana⁵⁸, mulher, 60 anos de idade, nascida no povoado São Domingos, mudou para Queimadas em 1983, onde mora desde então, declarada preta e quilombola, católica, agricultora, quebradeira de coco, solteira, mãe e avó, que fica sentada em um banquinho no quintal, onde costuma deixar uma boa leva de coco de um lado (que fora trazido por seus sobrinhos e netos), o machado e o macete do outro e, a não menos importante pedra de amolar, durante a atividade.

Embora não saia com tanta frequência para o mato hoje em dia, Rosana⁵⁹ lembra desses momentos em que várias mulheres saíam, juntavam os cocos da palmeira, e no momento da quebra, a cada dia quebravam para uma única mulher. No outro dia continuavam a quebrar, só que já era para outra. Isso sempre que havia uma grande quantidade de coco babaçu.

⁵⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁵⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Rosana⁶⁰ se recorda que:

Nesse tempo, quando os meus filhos eram pequenos, nós vendíamos coco no comércio bem aqui (um pequeno que havia na comunidade), o coco era baratinho demais. A gente começou a vender o coco de 5 centavos, aí foi subindo para 10 centavos, 25... Hoje em dia tá entre 2,50/ 3,00 reais. Mas era isso aí, a gente vendia era aqui mesmo, nós não íamos para cidade (tentar vender). O dinheiro do coco não dava de eu ajuntar o dinheiro para mim comprar alguma coisa lá na cidade, e aí os transportes eram difíceis nesse tempo. Agora não, agora tá mais fácil os transportes para gente ir pra cidade, mas nesse tempo não tinha (Rosana, 2023).

Desta recordação, Rosana⁶¹ menciona que neste tempo trabalhava somente com a quebra do coco e na roça. Ela ressalta o fato, quando expressa que: “*Eu criei meus filhos quebrando coco, foi trabalhando de roça*” (Rosana, 2023), uma atividade que ainda realiza, porém, com menos frequência.

O coco babaçu, tal como a roça, é uma atividade importante dentro da dinâmica econômica da comunidade. Do coco se extrai o caroço (amêndoa) e, a partir dela, o azeite. Na atividade realizada na cozinha de casa, quebra-se o coco, tira a amêndoa e a deixa em alguma vasilha, com certa quantidade, coloca-se o coco na panela para torrar, depois de torrado ele é pisado no pilão e colocado para cozinhar com água na panela. Cozido, tem-se o azeite que fica concentrado na parte de cima da panela, quando finalmente é retirado para apurar⁶². Dessa maneira o azeite está pronto para uso no tempero das comidas, como as realizadas costumeiramente por dona Rosana e também por dona. Maria.

Do mesmo fruto, com a casca reservada, é feito o carvão. Pela manhã ou à tarde, uma caieira⁶³ é feita com uma profundidade que vai de acordo com a quantidade de carvão desejado. No fundo da caieira, é colocado fogo em pau seco que, quando pega, é coberto aos poucos com a casca do coco, um pouco afastado dela, se observa o começo da fumaça que indica o fogo na casca.

Depois de alguns minutos, quando a casca está queimada, a brasa está visível, e há pouca fumaça, coloca-se palha verde de pindoba⁶⁴ para tapar a boca da caieira até não ficar nenhuma brecha de fumaça, jogando logo em seguida, o barro por cima. Assim, em cerca de um ou dois dias o carvão está pronto e inteiro para ser recolhido e utilizado.

Em diversas casas, há fogareiros de barro que são utilizados no preparo de comidas, tendo como alicerce, o carvão. Mesmo que algumas delas tenham fogão (eletrodoméstico),

⁶⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁶¹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁶² O azeite é colocado em outra panela para ferver até a água que ainda restou secar.

⁶³ Buraco redondo cavado no chão em forma circular.

⁶⁴ Uma típica palmeira da mata dos Cocais, que pode ser encontrada nas regiões do Maranhão e Piauí.

quando em relação a distância e o preço do gás de cozinha, o fogareiro de barro acaba sendo uma alternativa economicamente viável.

Figura 04: Canteiro com cheiro verde e coentro



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

No quintal das casas, não é difícil encontrar diversos canteiros, com cheiro verde, coentro, pimenta, observáveis na figura acima, cujo quintal pertence a Rosana⁶⁵. Plantas frutíferas como o limão, acerola, cajá manga, banana, além das medicinais como babosa, capim santo e boldo também são cultivadas. Os quintais produtivos acabam por ilustrar a variabilidade das culturas plantadas pelos quilombolas.

É importante cercar a maioria das plantas menores, porque, como expressa Rosana⁶⁶, as galinhas que podem comê-las, como uma vez comeram os pés de pimenta que tinha deixado para crescer.

As criações de animais são realizadas por diversos quilombolas, além das galinhas, porcos, bodes e bois que transitam pela localidade, animais de tração, como burros são usados para puxar carroças.

Nos quintais, também se observa hoje bombas de puxar água. Anteriormente, a forma de conseguir água ocorria por meio dos dois poços, construídos com a ajuda do padre da Paróquia de São Raimundo. Atualmente, já não são mais utilizados, porque em parte das casas,

⁶⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁶⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

têm poços artesianos, caixas d'água e cisternas, construídos com o auxílio da CPT e a Cooperaxxion. Sobre o momento da abertura dos poços, Luís⁶⁷ expressa que: *“aquilo era uma festa aos arredores, ‘hoje vamos abrir o poço de fulano de tal!’*, e parece que uns 12 foram feitos (Luís, 2023). Outra construção importante, no que diz respeito ao acesso a água, é o açude.

O açude foi idealizado com a ajuda da Paróquia, representou um momento de felicidade para os quilombolas, como expressa Luís⁶⁸, pela possibilidade que ele traria para a comunidade. Todavia, quando o projeto teve início - momento em que o trator que iria cavar chegou - o representante da dada empresa tentou barrar a realização. Neste momento, houve certa comoção, com a comunidade toda se reunindo para fazer com que o projeto fosse executado.

No fim, o levante deu certo, tanto que o dado momento de sua construção se tornou algo emblemático, ao final do dia em que foi construído, todo mundo se reuniu ao redor do açude em um momento de felicitações pela conquista. Posteriormente, plantaram algumas coisas na entrada do açude, próximo às margens, *“tinha cebola, tinha pepino, tinha couve, alface”*, como bem aponta Luís⁶⁹. Estes eram regados regularmente. Atualmente não realizam mais estes cultivos nas margens.

Figura 05: Trecho do rio Iguará



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

⁶⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁶⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁶⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

De forma adjacente à comunidade está o rio Iguará, um trecho dele pode ser observado na figura acima (figura 05), bem próximo à casa de Edson. É o local onde os quilombolas habitualmente realizam a pesca de diversos peixes para consumo, como os pescados por José⁷⁰, homem, 31 anos de idade, nascido e morador de Queimadas, declarado preto e quilombola, católico, agricultor, pescador e solteiro, dentre os quais estão o “[...] *cará* (acará), *cascudo*, *piranha*, *comatá* (*curimatá*), *traíra*, *mandi*” (José, 2023). Luís⁷¹ ressalta que há momentos em que os quilombolas também realizam a atividade da pesca na Lagoa do Parnaso, bem próxima dali.

O rio Iguará é um curso de água intermitente⁷² (temporário) que tem força expressiva durante o período chuvoso, entre os meses de janeiro e junho. Até o mês de maio ele permanece corrente, dando sinais de enfraquecimento nas primeiras semanas do mês de junho. No período seco, entre os meses de junho e dezembro, ainda é possível encontrar água no rio, porque, segundo José⁷³, as correntes ficam cortadas e a água se quebra em pedaços formando poços. O referido trecho na figura é referente ao mês de agosto, em que se perfaz o período seco.

Rosana⁷⁴ expressa que, “*nos poços do Iguará, que já estão separados, se pesca de cofo, de quixó, de tarrafa e engancho*” (Rosana, 2023). Nessas partes mais “fundas” de sua extensão, pescar alguns peixes, como os pescados pela esposa do senhor Edson, acaba sendo algo rotineiro. Durante o almoço na casa deles, estes pescados (traíras) acompanham o baião de dois (arroz misturado com feijão) e do cuxá⁷⁵, logo depois de terem sido temperados e fritos com uma boa quantidade de farinha de puba.

⁷⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁷¹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁷² Mapa dos pontos d'água do município de Codó, Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea no Estado do Maranhão, CPRM, RETE, DEHID, Governo do Estado do Maranhão, 2011.

⁷³ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁷⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁷⁵ Como aponta a historiadora Letícia Thalia Sousa de Souza (2022), o cuxá é um prato tradicional na alimentação maranhense, tal como faz parte da identidade culinária da região. A planta que provém o prato, a vinagreira, é de origem africana, a qual chegou no Brasil por meio dos cativos ou dos árabes. Costumeiramente, o prato é realizado em conjunto do quiabo, outra planta de origem africana. Segundo a autora, “após a coleta da folha, ela é lavada, retirados os talos e cozida. Em seguida, a água é escorrida e as folhas são refogadas com tempero e os complementos, a mistura é batida até chegar à consistência pastosa do cuxá codoense” (Souza, 2022, p. 5).

Figura 06: Farinha de puba sendo torrada



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Existem três casas de forno na comunidade: uma comunitária, construída com o auxílio da CPT⁷⁶ e as outras duas de pessoas específicas. São utilizadas para produzir farinha de puba, tapioca e beiju para o consumo próprio, tendo sua venda realizada quando há produção em excesso ou quando há necessidade de complementar a renda. De forma familiar, Luís⁷⁷ realiza o trabalho em uma das casas, como observável na figura acima (figura 06), em que estava com um de seus filhos, em que expressa o seguinte:

Primeiro vai na capoeira⁷⁸, ranca a mandioca, e aí traz ela para cá, traz em cima dum jumento. chega aqui, bota aqui, aí ar mulher vão, aqui nós chama descascar, ranca a casquinha dela né, aí nós coloca dentro d'água. Num, lá tem (na casa de forno), tem umas caixa, as caixa grande, bota elar dentro d'água, em dois dias tira, tira aí bota no catitu (ralador) para cevar (ralar) e ceva, faz a massa, aí daquela massa a gente vai botando naquela prensa. Imprensa ela, depois dela prensada, ela fica enxutinha, aí o cara vai peneirar, que ele penera ela, joga no forno e vai torrar, depois dela torrada aí é só para botar no saco e bota na vazia e comer. Nós plantamos lá na roça (a mandioca), aí depois, nor vamos, ranca ela com um ano e meio, um ano e meio de ela plantada, nós arranca ela. Nós plantamos em dezembro, no outro dezembro faz um ano, aí em junho faz um ano e meio e, nós estamos rancando ela, panhando ela de lá e trazendo para fazer farinha (Luís, 2023).

Nas casas de forno, também é possível notar fornos de barro, costumeiramente utilizados para assar bolos de puba, milho, trigo e goma. Estes são consumidos pela manhã com café ou pela tarde na hora do lanche. Além do café, que sempre está quente nas mesas de muitos dos

⁷⁶ Dados da pesquisa, diário de campo, 2023.

⁷⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁷⁸ Quando realiza o plantio, se tem a roça, quando termina a colheita, a capoeira.

quilombolas, os bolos podem ser acompanhados de sucos naturais, como os de caju, acerola e manga. Também estão presentes em comemorações, tal qual os festejos de santos que ocorrem nas capelas da comunidade.

Figura 07: Missa para o festejo de Santa Luzia



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Festejos, missas e procissões são regulares e acontecem por meio de duas das capelas existentes na comunidade. Quando ocorrem, segundo Raimunda⁷⁹, mulher, 61 anos de idade, nascida no povoado Parnaso, mudou para Queimadas em 1992, onde mora desde então, declarada morena e quilombola, católica, agricultora, quebradeira de coco, casada, mãe e avó, são dias animados que reúnem todo mundo. Logo expressam a religiosidade católica entre os quilombolas. Casamentos e batizados são realizados nessas capelas que, durante as missas de celebração, contam com o coral formado pelas crianças da comunidade.

A Maria puxa diversos cânticos com as crianças antes de determinada celebração, para que, na abertura da missa, o coral os entoe. Por vezes, fiéis da Paróquia de São Raimundo auxiliam ela e as crianças com a melodia, eles são como guias, ensinam as canções e tocam instrumentos, como o violão.

Um desses festejos teve início na noite do dia 13 de dezembro de 2022, como pode ser observado na figura acima (figura 07). A festividade em questão, realizada em louvor à Santa

⁷⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Luzia⁸⁰, foi dirigida pelo padre da Paróquia São Raimundo, com a participação de diversas pessoas de Queimadas e das localidades próximas. Eram devotos que chegavam a pé, de carro, moto e ônibus, logo via-se muitas pessoas. Com a expressiva quantidade delas, todos sentaram-se em frente à capela, abaixo do pé de manga, porque lá dentro não havia espaço para todos.

A missa foi marcada pelos cânticos do coral, seguidamente da liturgia da palavra eucarística. Após a missa, houve o casamento de uma moça e um rapaz da comunidade. Diferente do que tradicionalmente poderia ocorrer nesses momentos, o rapaz acabou se atrasando um pouco, com algumas pessoas perguntando em tom de brincadeira: “Cadê o noivo gente?”. No fim das contas ele chegou e o casamento aconteceu sem problema. Posteriormente, algumas crianças foram batizadas, encerrando-se a missa com o tradicional mingau de milho para os presentes.

Figura 08: Paisagem da área residencial na entrada da comunidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Durante a tarde, uma temperatura maior, um calor não costumeiro para a comunidade, torna-se perceptível ao se sentar na frente de casa, bem abaixo da meia-água, como percebe Edson⁸¹. Para ele, esse fator está atrelado ao desmatamento/corte das árvores que acontece em algumas localidades próximas, o calor não era assim porque havia brisa por causa das árvores, mas agora a tarde não é como antes. Ao se deslocar por entre as casas pela tarde, ao sair da área

⁸⁰ Segundo Maria, todo ano ocorre o festejo de Santa Luzia na comunidade, sendo importante destacar que não apenas Santa Luzia é festejada, São Pedro, São Bartolomeu e São Raimundo também estão entre as devoções (MR, 2023).

⁸¹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

residencial próxima a entrada na comunidade, visível na figura acima (figura 08), ouve-se facilmente músicas de reggae tocarem. Estas indicam uma outra face das festividades.

Edson⁸² destaca que “*o reggae é uma cultura para nós que faz tempo e, não vai se acabar não*” (Edson, 2023), logo há algumas festas do ritmo na comunidade, uma cultura presente no Maranhão. O forró é outro ritmo presente e faz parte desses momentos de lazer para diversas pessoas, como no dia 12 de agosto de 2023, que contou com a presença do Forró Delírio, no Clube do Pizeiro do senhor Edson.

Houve um problema de energia elétrica no dia da festa, no entanto, rapidamente conseguiram controlá-lo com a ajuda de um gerador levado pelos organizadores da festa. Acerca da energia, a comunidade é beneficiada com o programa governamental Luz para Todos⁸³. Na comunidade tem dois clubes onde as festas costumam acontecer, além do construído pelo Edson, há o Clube chamado Maguila Show.

Entre as festas e as brincadeiras, tem-se o tambor de crioula⁸⁴, realizado por vezes em áreas próximas da escola, sendo praticada pelos mais novos e os mais velhos, porém, não com a mesma intensidade de antes. Os mais velhos que costumavam puxar a roda não estão mais presentes.

Como expressa Edson⁸⁵, os que vêm a falecer costumam ser enterrados em um cemitério para os adultos, de modo que há uma distinção no local de enterro para as diferentes faixas etárias. Os mais velhos ficam em um cemitério, um pouco mais distante da área residencial, e as crianças ficam em um abaixo do tamarindeiro, mais próximo. A separação ocorre pelo viés do pecado: as crianças que vinham a óbito não cometeram nenhum, por isso são separadas. Dessa maneira, os cemitérios são parte da historicidade e do saber da comunidade, uma vez que as gerações que perpassam por Queimadas estão enterradas nestes dois lugares.

⁸² Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁸³ O programa governamental Luz para Todos, “busca democratizar o acesso e uso da energia elétrica, contribuindo para o combate à pobreza energética, o fomento da inclusão social e produtiva de comunidades vulneráveis e a promoção da cidadania e melhoria na qualidade de vida das populações brasileiras do meio rural e da Amazônia Legal, mediante utilização de fontes de energia limpa e renovável para a geração de energia elétrica, considerando a sustentabilidade e a continuidade na prestação do serviço público de distribuição de energia e a preservação do bioma Amazônia” (BRASIL, 2023).

⁸⁴ Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), “o tambor de crioula é forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou então associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito” (BRASIL, 2023). É uma manifestação da cultura popular maranhense que, por vezes, não tem período exato para sua realização.

⁸⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

O tambor também ocorre em um dos clubes, como no Clube do Pizeiro. No dia 12 de agosto de 2023, antes da festa de forró começar, a programação contava com o tambor de crioula ao entardecer, a atividade seria realizada com o auxílio da Secretaria de Juventude, Cultura e Igualdade Racial (SEJUCIR) de Codó, porém não ocorreu porque o rapaz que iria puxar o tambor havia falecido, então foi remarcado para outro dia.

Outras brincadeiras, não menos importantes, são as quadrilhas durante o São João na comunidade, que são organizadas dentro da escola e sempre envolvem as pessoas da comunidade, e as partidas de futebol, embora não sejam praticadas exatamente na comunidade, é um momento de lazer e diversão para algumas pessoas como Edson e seu irmão.

Figura 09: Paisagem da área central com a escola e algumas residências



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O amanhecer é significativo para as trabalhadoras e trabalhadores da comunidade, assim como é para os estudantes, de manhã cedo é o horário em que diversas crianças se arrumam e saem de casa para irem à escola. Na comunidade, a Escola Municipal Antônio Xavier (figura 09) dispõe da primeira etapa da educação básica, o ensino fundamental I (1º ao 5º ano), que funciona durante o turno matutino. Quando a aula não ocorre neste turno, por causa de algum problema acometido pelo professor que mora na cidade, o turno vespertino é utilizado para que as crianças não tenham o dia de aula perdido.

Como funciona apenas o ensino fundamental I nesta escola, os pré-adolescentes que precisam realizar o ensino fundamental II (6º ao 9º ano), o fazem em uma escola municipal na localidade Boa Vista, pegando o ônibus escolar rural todos os dias de manhã no ponto de ônibus

que fica próximo do pé de tamarindo. Semanalmente, o ônibus é o principal meio de locomoção para irem à escola, embora nas sextas, como aponta Luís⁸⁶, seja comum os estudantes ficarem em casa devido aos empecilhos no motor do carro, como a falta de óleo. Em relação ao ensino médio, os jovens precisam sair da zona rural para realizá-lo, já que nas proximidades não tem nenhuma unidade escolar pública que o ofereça.

Para realizar o ensino médio, fazer um curso técnico ou conseguir um modo de trabalho diferente, os jovens têm saído da comunidade. Segundo Maria⁸⁷, os jovens e os adultos saem para trabalhar fora porque: “*Querem usar uma moto, querem usar uma coisa melhor, e aí eles dizem que as coisas que a gente produz aqui não vai dá pra eles conquistar o que eles querem, e aí para isso eles tem que viajar*” (Maria, 2023). Ao fato, pode-se mensurar a vivência do senhor Edson⁸⁸, que relata o seguinte:

Passsei 10 anos trabalhando cortando cana em São Paulo, numa cidade chamada Guariba e no Mato Grosso também. Teve um ano que trabalhei em construção civil no Rio de Janeiro também. Muita gente daqui ia (trabalhar fora), inclusive, até hoje muita gente vai. Aqui não tem o fino (o dinheiro), aí quando completa 18 anos vai embora, tentar sobreviver (Edson, 2023).

Trabalhar no corte da cana-de-açúcar pelas regiões sudeste e centro-oeste se apresenta como alternativa de angariar uma renda maior para os trabalhadores, e também trabalhadoras da comunidade. A exportação recorrente de mão de obra nordestina para o trabalho fora da região, análogo a escravidão, acomete diversos homens e mulheres que saem do rural, da comunidade.

As vivências cotidianas e momentos que fizeram parte da experiência de vida dos quilombolas de Queimadas denotam a organização da comunidade, além das dimensões econômicas, culturais e naturais presentes. De tal modo, os fatores descritos através da história oral alicerçam a compreensão da constituição da territorialidade e suas relações com os lugares, de modo que, também fazem parte da sua identidade. Os quilombolas, dentre os quais compõem as 20 famílias que atualmente residem na comunidade, estão dentro da organização social, demonstram particularidades de si, de modo que compreendem a comunidade. Logo há de se destacar uma dimensão maior destas particularidades e o que significam.

⁸⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁸⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁸⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

CAPÍTULO III

A problemática dos elementos da identidade quilombola na comunidade quilombola queimadas

Os aspectos das vivências dos quilombolas da Comunidade Quilombola Queimadas, expressam os elementos que constituem suas identidades quilombolas. As vivências acabam por demonstrar uma forma pertinente para se destacar os pontos centrais desta questão, onde, outrora os quilombolas partilharam da forma organizacional da comunidade. Porventura, colocar um quadro dos elementos consistiria em uma faceta generalizante, como um filtro do todo.

Nessa medida, a partir da interpretação, há possibilidade de desenvolver uma representação acerca dos diversos elementos percebidos. Entre as vivências dos quilombolas participantes deste trabalho, há elementos que acredito reverberar face dos processos vivenciados pelos quilombolas da Comunidade Quilombola Queimadas. Assim, elementos se destacam e compreendem a dimensionalidade da identidade quilombola dos quilombolas. É possível observar como o autoconhecimento se desenvolve em suas próprias noções de pertencimento, no interior do grupo, como assinala Leite (2010), resultantes dos processos e forças sociais vivenciadas, que lhe conferem movimento.

Isto posto, o retorno às particularidades dos quilombolas empreende a densa faceta das narrativas vivenciadas. Em se tratando de memórias que constroem significados, é preciso compreender que são fragmentos rememorados que fundamentam o sentido da realidade outrora experienciada. Assim, o retorno à memória, nesse processo dialógico que é a conversação/entrevista (Portelli, 2016), acaba correspondendo à particularidade do próprio entrevistado, algo que pôde ser observado nos momentos de conversação com os quilombolas de Queimadas.

Estes momentos com os quilombolas trouxeram vivências que dinamizaram os processos de formação, reconhecimento e organização da comunidade. E como observado no capítulo anterior, os perfis dos quilombolas, especialmente os interlocutores desta pesquisa, foram apresentados. Para que compreendamos essa outra faceta das vivências quilombolas de cada um dos quilombolas, acredito que seja novamente pertinente trazer dessas caracterizações, na medida em que nos reaproximam - dentro da narrativa textual do referido estudo - dos quilombolas que tecem suas próprias narrativas.

3.1 Vivências

A despeito das vivências, neste primeiro momento me parece significativo apresentar pontos, ou melhor, retomar conversas, como a realizada com Edson. Conversas que expressam experiências atreladas ao autoconhecimento e estão integradas a identificação e a identidade quilombola. Do mesmo modo, são retomadas as dos outros quilombolas, na progressão do texto que se segue, assim como descrições dos momentos de conversação que acabam dando certa densidade para o processo, com pontos igualmente pertinentes.

Na oportunidade de conversar com Edson, estávamos debaixo do ponto de ônibus, local em que as crianças ficam à espera do escolar à frente de sua casa. Pegamos as cadeiras na sala e a colocamos lá para pegar sombra. Quase meio-dia, era o momento em que algumas crianças chegavam para aguardar o escolar, e por alguns minutos ficaram observando nossa conversa, com certa curiosidade.

Durante o momento em que conversávamos, a esposa de Edson tinha acabado de sair para pescar em um dos poços do Iguará. Ainda cedo de manhã fora com ela que havia falado na companhia de Maria, a qual avisou o horário que ele estaria em casa, o mesmo tinha saído para o trabalho na roça.

Edson nasceu na Comunidade Quilombola Queimadas, lugar em que sempre morou e mora. Tem 38 anos de idade e se declara preto e quilombola. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental I. É agricultor, pescador, casado e tem filhos. Atualmente é o presidente da Associação dos Agricultores e Agricultoras na Agricultura Familiar dos Povoados Três Irmãos, Queimadas e Montabarro. Durante a conversação, ele optou pela não gravação da entrevista.

Como pontuado anteriormente, Edson⁸⁹ vivenciou outras experiências de trabalho, em suas viagens por outros estados do centro-sul. Devido a esta questão, não participou de todos os processos que incidiram no reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo. Entretanto, a experiência do trabalho não se apresentou como um empecilho no que diz respeito ao autoconhecimento de si, como ele bem pontua: “*sempre me entendi como pessoa quilombola*” (Edson, 2023), algo que ressalta esse processo de reconhecimento.

A identificação é uma questão importante para Edson⁹⁰, além de representar o conhecimento da origem da comunidade, também corrobora em um importante processo no sentido da constatação pública, da possibilidade de conseguir mudanças para o bem-estar na

⁸⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

comunidade. Logo se recorda dos benefícios no período em que a articulação das comunidades se desenvolveu, dentre os quais menciona, os poços artesianos, o açude e o advogado para representá-los no âmbito do processo jurídico, em decorrência do conflito.

Para Edson⁹¹, o reconhecimento da identificação trouxe oportunidades de aprendizado, conhecimento e experiências novas. Ele lhe oportunizou conhecer outros quilombolas de regiões que não acreditava conhecer ou mesmo encontrar. E menciona o fato de já ter participado de alguns encontros que envolviam diversas dessas comunidades, como a Teia do Maranhão, evento que costumeiramente reúne povos e comunidades tradicionais na região.

Sobre sua vivência enquanto quilombola, Edson⁹² denota o seguinte: “*No caso, a gente tem mais acesso a direitos, têm oportunidade de conversar com autoridades. Antes não tínhamos, agora, com esse reconhecimento, podemos*” (Edson, 2023). Há possibilidades de criar diálogos para o âmbito das comunidades quilombolas, representadas pela associação. Edson é membro do Conselho da Igualdade Racial, no âmbito da Secretaria da Juventude, Cultura e Igualdade Racial (SEJUCIR) do município de Codó. Pontua que algumas pessoas desta, costumam visitar a comunidade e dão certo suporte para atividades culturais, a exemplo do tambor de crioula que organizaram em conjunto na comunidade.

Relativamente ao fato de ter sofrimento, discriminação por se identificar enquanto quilombola, Edson⁹³ expressa que alguns episódios ocorreram, mas já faz alguns anos. De acordo com ele, algumas pessoas lhe diziam palavras em tom pejorativo como se fossem brincadeiras, e sobre esses episódios, acredita ter ocorrido por falta de conhecimento das outras pessoas.

Entre os processos que fizeram e fazem parte de suas vivências, Edson⁹⁴ expressa que Queimadas é tudo para ele. Ao se reportar sobre a significância da comunidade em sua vida, acentua que: “*Quando eu não existir mais, fica meus filhos, fica meus netos, fica a raiz*” (Edson, 2023). Raízes que germinam e desenvolvem o quadro geracional que finca a árvore que é Queimadas. E nesse sentido, o próprio Edson é raiz, ele é um dos filhos do senhor Luís.

⁹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁹² Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁹³ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁹⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

Durante o percurso até a casa de Luís⁹⁵ para conversar a despeito de suas vivências, tive a companhia de seu neto, um dos filhos do senhor Edson. Quando chegamos, Luís estava realizando o trabalho na casa de forno do seu vizinho, na companhia de seus filhos, um deles mora próximo de sua casa, e o outro no Cocal. Luís parou o trabalho, mas os seus filhos continuaram, estavam realizando a torra da farinha de puba. Assim, fomos até sua residência quase ao lado, onde nos sentamos na sala para a conversação, já que na casa de forno, os sons das atividades iriam atrapalhar.

Luís mora na Comunidade Quilombola Queimadas desde o seu nascimento. Tem 61 anos de idade preto e quilombola. Estudou somente a 1ª série da alfabetização. É agricultor, pescador, casado, tem filhos e netos. Foi um dos membros fundadores da Associação, era um dos tesoureiros. Durante a conversação, ele optou pela gravação da entrevista.

Eis que falar sobre identidade para Luís⁹⁶ acaba sendo uma questão que adentra a compreensão de sua história. E ele logo expressa a pertinência de tal fato, quando destaca que:

Se isso viesse de muito tempo já sabendo, há uns duzentos anos viesse dizendo: “Você é quilombola”, eu estava satisfeito, porque eu já vinha sabendo o que eu era. Só que nessa época não tinha (o conhecimento sobre isso), você só chamava o negro e o branco, o homem negro e o branco. Mas, quando apareceu essa, digamos assim, a origem da gente (a compreensão da história), eu fiquei muito satisfeito, porque é como que, se eu tenho uma coisa, eu tô dividindo com você, nós dividimos esse caderno aí na sua mão, mas eu não sei qual é a parte sua e a minha, porque nós somos dono dele, depois que eu sei qual é a minha parte, eu vou lutar pela minha parte né. É que nem eu, eu tô no meio do branco, mas eu não sei se eu sou o branco ou se eu sou o preto, eu tô no meio do índio, mas ele é o indígena e eu sou quilombola. Então, aí é que eu estou satisfeito porque eu já sei de que eu tô me identificando (Luís, 2023).

O reconhecimento desta história é um fator importante para Luís⁹⁷, assim como é para a organização social da comunidade. A comunidade foi reconhecida (certificada) em decorrência desse processo. Segundo ele, a importância reluz a organicidade na comunidade, entretanto, há diferentes movimentos exercidos por quilombolas, de modo que pontua: “o que está faltando, é se organizar mais. É aquela coisa que você puxa para um lado, aí tem outro vai para outro, então é aquela coisa que tá faltando” (Luís, 2023). Dito isto, se observa a questão-problema da organicidade na comunidade.

Ele compreende que, como em todos os outros lugares, existem diferentes percepções sobre algo, e que da mesma forma, é um fator normal. Destaca a necessidade de mais unicidade entre os quilombolas atualmente, como quando era anteriormente. E ressalta o fator resultante

⁹⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁹⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

⁹⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

do reconhecimento da comunidade ter sido importante durante a pandemia da COVID-19⁹⁸, porque dentre as comunidades na região, as vacinas chegaram primeiramente lá.

A respeito da organização na comunidade, Luís⁹⁹ ainda traz algumas contextualizações:

Um negócio que eu acho que tem para outros lugar, ainda tá tendo, tinha uma coisa aqui que era muito horrível, você fazia roça, mas você tinha que pagar um saco por cada linha você tinha que entregar pros homens. Então se você faz que nem nós aqui, a maioria das pessoas, não faz roça grande, porque para trabalhar, assim sem ter o dinheiro, só mesmo a custa da força, é quatro linha, cinco linha né, três, outro faz quatro, cinco, mas se você fizesse quatro linha você tinha que dar quatro saco de arroz, dado para ele. Aí, quando nós começamos a nos organizar, nós deixamos de pagar: “Vamos se impor logo”, se impomos logo por aqui para eles saber que a terra não é deles (Luís, 2023).

Na área em que se fazem presentes diversas outras comunidades, o fator da grilagem era uma problemática latente. Luís¹⁰⁰ se recorda que, quando ainda era menino (criança), quando a pessoa tinha um pedaço de terra com dois ou três hectares próxima de outra que tinha quarenta, acontecia a tomada da terra por este que detinha a maior. O pequeno detentor da terra não tinha força para reavê-la, porque naquele tempo, como menciona Luís: “Se você abrisse a boca, era: “cala a boca!”. Você tinha que calar, porque ou calava ou apanhava e não tinha nada, aí torturavam o pessoal (Luís, 2023). Atualmente, percebe que houve mudanças nesse aspecto, uma vez que existem formas das pessoas se contraporem a essa problemática.

A vivência de Luís¹⁰¹ enquanto quilombola, perpassa diferentes âmbitos sociais. Ao se encontrar em uma festa, em um jogo ou em qualquer outro espaço, menciona que se perguntam: quem é quilombola no meio da multidão, levantaria o dedo sem nenhum problema porque é o que ele é. Dessa maneira, ele faz a seguinte reflexão, a pensar quando não tinha esse conhecimento:

Enquanto eu não sabia de que era minha origem, é como uma pessoa que tá indecisa numa coisa: “Não sei se como isso aqui, não sei se vai me fazer mal”, mas hoje não, aonde eu chegar, eu sou quilombola. Se eu chegar no meio do branco, eu posso ser discriminado, mas se a pessoa procurar: “Você é quilombola?”, digo: “Sim, sou”, porque na minha vida lá, na minha comunidade, eu tô vivendo com isso e tô feliz, gosto de ser isso aqui (Luís, 2023).

E encerra, ao tratar novamente da importância de sua identificação:

O caso de eu dizer que estou satisfeito de eu saber o que eu sou, é porque se eu chegar lá no Rio de Janeiro, eu já sei dizer o que eu sou, vem um: “Rapaz, você é o que?”, eu sou um quilombola. Se eu chegar lá em São Paulo, procurarem, rapaz você é o

⁹⁸ A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, identificado em 11 de fevereiro de 2020. A doença infecciosa acometeu a vida de milhares de pessoas no mundo, desde que fora descoberta em dezembro de 2019 (OPAS, 2023). Tem como sintomas febre, tosse seca e cansaço.

⁹⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹⁰⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹⁰¹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

que: “Rapaz, a minha origem eu não sei não, eu não sou dessa comuna, não sei nem o que que eu sou”, isso eu não falo. Eu sou um quilombola e acho bonito porque quando eu participo de outras regiões (encontros) de quilombola, eu me sinto feliz de estar no meio deles, porque sou a mesma coisa (Luís, 2023).

Em relação às discriminações que poderia ter sofrido por ser quilombola, Luís¹⁰² menciona que em certos lugares não houve, mas que, de vizinhos, das comunidades vizinhas, tanto sofreu como ainda sofre. Ele ressalta como a determinação e o conhecimento de si, é algo pertinente diante das experiências discriminatórias, como o mesmo pontua: *“Depois que a gente começou a se impor, e dizer para eles: ‘rapaz é desse jeito’, a gente calou a boca de um bocado deles”* (Luís, 2023). Atualmente, Luís¹⁰³ observa que há certa compreensão por parte de algumas pessoas dessas comunidades. Todavia, no começo havia muito preconceito, de modo que ressalta:

[...] Eles são da mesma origem, eles acham que essa nossa origem só serve para nós, para eles não serve. A gente vê também que eles são filhos de escravos, são descendentes de escravos, a gente vê que eles são, mas sempre tem aquele preconceito com a gente, discriminam, como eu lhe falei. Para você saber como nem sabem, eles chamam “carambola”, diziam: “Olha ali o, turma de carambola”. Aqui tem um processo lá no Ministério do Trabalho, tem um processo no INCRA, que se não fosse, já estava aqui tudo esbagaçado, você tinha vindo aqui, mas só se fosse olhar boi, olhar capim, porque aqui nunca foi invadido por causa desse processo. E aí, para você ver, eles aí só ainda tão aí, ainda tem mato aqui, por causa dessa organização, se não fosse, não tinha não (Luís, 2023).

Como o mesmo expressa, os quilombolas de Queimadas acabavam não sendo vistos com bons olhos por outras pessoas. Neste quadro, ainda destaca uma experiência ocorrida nos períodos de roça. Luís¹⁰⁴ conta que, em um dos períodos de roçados, cerca de 300 cabeças de gado criadas por um senhor, percorriam algumas áreas de Queimadas e das localidades nas proximidades, como Montabarro, Cocal, Parnaso, Cacimba de Areia, Boa Vista e Limão.

Em dado momento, o gado acabou entrando em uma das roças, e se alimentou do arroz que já estava cortado no paiol. Luís¹⁰⁵ pontua que, além do arroz, o gado também se alimentou do milho, da mandioca, de quase tudo que estava lá, fez uma bagunça. Segundo ele, o gado só não comeu tudo porque um rapaz que estava passando próximo da roça viu. Nos dois dias em

¹⁰² Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹⁰³ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹⁰⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹⁰⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

que ocorreu a invasão dos animais, ninguém havia se deslocado até a roça além deste rapaz. Sobre o caso, Luís¹⁰⁶ ainda rememora que:

Teve um pessoal aí que ajudou a gente (com a questão dos animais), ele (o senhor) não ajudou, nós andamos pela delegacia e tudo. A delegacia não resolveu porque sabe, nós não tínhamos advogado, e ele pegou um advogado aí de um senhor aí. Como não tínhamos advogado, quando nós chegamos lá na delegacia, diziam: “Não, o delegado não está hoje”, e foi indo. Aí depois nós descobrimos o que que era (a influência política que tinha), aí ele não falou conosco. Mas ele tem boi andando aqui há um tempo (Luís, 2023).

Dentre essas experiências, Queimadas representa um território benéfico para o Luís¹⁰⁷, e retrata como os quilombolas da comunidade andam nas casas uns dos outros sem problema nenhum, embora alguns possam ter certas desavenças. Na comunidade, como ele pontua, as pessoas costumam trabalhar juntas, “*se você chama uma pessoa para ir trabalhar mais você, ela vai, e não tem aquilo: “Eu não vou não, não gosto dele”, porque aqui você cobre a casa (realiza a cobertura de determinada casa em companhia) e trabalha na roça junto”* (Luís, 2023). Hoje pode existir certa desorganização na comunidade, mas lembra do tempo em que se dizia: “*Rapaz, tal dia vamos brocar roça de fulano de tal”* (Luís, 2023), e todas as pessoas se deslocavam até lá, de modo que não é difícil imaginar que o senhor José, esteve presente nessas atividades coletivas.

Quando fui à casa de José, o mesmo estava ocupado em uma atividade em seu quintal. Depois, sentamos na sala de sua casa. Seu tio bem idoso que estava sentado na porta a algumas horas, ficou conosco durante o momento, sua tia não estava em casa, tinha saído bem cedo para o mato, para catar e quebrar coco.

José é agricultor, pescador, e atualmente solteiro. Nasceu na Comunidade Quilombola Queimadas e é morador da comunidade desde então. Tem 31 anos de idade e estudou até a 8ª série do ensino fundamental II. Se declara preto e quilombola. Durante a conversação, ele optou pela não gravação da entrevista.

Como havia relatado anteriormente, José¹⁰⁸ se identifica como quilombola. Expressa como as reuniões foram importantes para os processos que resultaram no reconhecimento da comunidade. Através do contexto de mudança percebido nesta questão, ele pontua que: “*onde a gente chega: ‘é os Quilombolas de Queimadas’, a gente é reconhecido”* (José, 2023). Desse modo, se sente reconhecido em âmbitos que anteriormente não era.

¹⁰⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹⁰⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹⁰⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

José¹⁰⁹ participou de várias das reuniões que tinham esse caráter formativo, e sabe da necessidade e da importância de cada uma das pessoas, incluindo ele mesmo, compreenderem e realizarem essa identificação diante de determinadas forças que se apresentam. Dada a importância da identificação, ele expressa que: “*a gente fica reconhecido. Quando a gente não era reconhecido, era mais difícil as coisas, depois das reuniões melhorou um pouco*” (José, 2023). Ao pensar sobre suas vivências, José expressa o fato de não ter sofrido nenhuma discriminação por ser quilombola. Do mesmo modo, ainda destaca como Queimadas é um território em que construiu, e continua construindo vínculos. É onde ele nasceu e se criou, fato do qual destaca sua importância, como também destaca a senhora Rosana.

Fora outrora pela manhã que, acompanhado Maria, cheguei na residência de Rosana¹¹⁰. Passamos pela cerca e chegamos na frente de sua casa. No momento, Rosana estava preparando o almoço, mas disse que não teria problema conversarmos. Assim, deixou seu neto olhando as panelas no fogo e o seu filho com deficiência (PcD), os quais moram com ela atualmente. Rosana trouxe cadeiras e conversamos na área à frente de sua casa, ela é sogra do senhor Edson.

Rosana nasceu no povoado São Domingos e se mudou para a Comunidade Quilombola Queimadas no ano de 1992, onde mora há 32 anos. Estudou até a 3ª série e se declara preta e quilombola. É agricultora, quebradeira de coco, mãe solteira e avó. Durante a conversação, ela optou pela gravação da entrevista.

Pensar a respeito da importância do reconhecimento da comunidade, para Rosana¹¹¹, demonstra uma faceta do território e do espaço vivenciado cotidianamente. Ela pontua que isto decorre justamente porque se vive morando nela. Em uma análise sobre esses momentos, ela denota o seguinte cenário: “*Assim, no interior, você tem suas criações, a gente cria as criações da gente para na hora você tenha sua necessidade, você pegar uma criação. Chegar uma pessoa na sua casa, você ter o que você fazer né? Pois é*” (Rosana, 2023), ter algo para oferecer para uma visita, um momento de recreação, acaba por transpor essa faceta do lugar.

No tocante a sua própria vivência como quilombola atualmente, observa as diferenças de tratamento, e sublinha principalmente, as dificuldades em conseguir certas coisas para a comunidade. Segundo o relato de Rosana¹¹²:

¹⁰⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹¹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹¹² Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

As coisas eram todas mais difíceis, mais diferentes, mas agora, eu acho importante que a gente tenha apoio, a gente tem conhecimento. Vem as pessoas de fora visitar nossa comunidade, que não tem, que às vezes gente que lá de longe que a gente nunca pensava que andava em nossa comunidade, e agora anda, depois que nós fomos reconhecidos, as pessoas visitam nossa comunidade (Rosana, 2023).

Neste contexto, ela compreende a importância da identificação, não apenas dela enquanto quilombola, como da comunidade ser apropriadamente reconhecida, em meio às complicações que se apresentaram, como o conflito. Assim, Rosana¹¹³ destaca que, se não fosse esse reconhecimento: “*Nós não sabíamos nem por onde andávamos mais, porque todo mundo já tinha sido despejado. O que queriam fazer aqui era isso*” (Rosana, 2023). Não obstante, mesmo reconhecidos, ela expressa como ainda seguem suas vidas mantendo, lutando e batalhando para continuarem onde estão.

Em sua trajetória de vida, Rosana¹¹⁴ pontua que já ouviu algumas palavras pejorativas e discriminatórias por se reconhecer como quilombola, todavia, não se recorda de quais foram porque fazem alguns anos que aconteceram. Ainda na questão da discriminação, brevemente relata um episódio que lhe acometeu em sua residência. Sobre isto, rememora o dia em que um homem foi até sua casa lhe ameaçar, não apenas ela como seu filho também (de despejo), fator certamente atrelado à dinâmica do conflito que se engendrou.

Queimadas é um território que possui grande importância para Rosana¹¹⁵, um território bom e benéfico para todos os quilombolas. A despeito do território, compreende este quadro de benefícios e mudanças, quando ressalta que a comunidade:

É muito boa para gente trabalhar, os terrenos bons, no inverno (período chuvoso) tem muita água. E outra, de atrás, que a gente não tinha água e hoje em dia a gente foi tão reconhecido que hoje água nós temos, que aqui era seco, só não era no inverno quando tinha água no riacho, mas agora não, a gente, depois disso, aí veio água para todo mundo, os pocinhos, aqueles pocinhos não sabe? O meu eu botei a bombinha, mas os outros, têm deles que não botaram. Que aí a gente ganhou água, tem água aí ganhou a escola também, que não tinha escola aí né, aí veio a escola, e a muitos tempos veio, também tem para ensinar as crianças, de atrás que era tão dificultoso (Rosana, 2023).

Nesse mesmo direcionamento, reverberam a dimensão dessas mudanças e relações com o território, as questões apresentadas pelo senhor Carlos e a dona Raimunda.

Perto de meio-dia é o horário em que os quilombolas costumam voltar do trabalho na roça, como o senhor Carlos. Quando o encontrei, o mesmo estava saindo de uma vereda

¹¹³ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹¹⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹¹⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

puxando um jumento que carregava dois jacás (cestos feitos com taboca de bambu) cheios de mandioca, que iriam utilizar para fazer farinha. Carlos nos levou até sua residência e falou que chamaria seus filhos e sua esposa para conversarmos na capela - a primeira quando se entra na área residencial do território que compreende a comunidade. Depois desse momento, Raimunda disse que naquele horário poderíamos realizar a conversação a despeito das questões. Carlos também disse que poderia, no horário da tarde.

Carlos nasceu e mora na Comunidade Quilombola Queimadas desde sempre. Tem 62 anos de idade e se declara negro e quilombola. Não teve a oportunidade de estudar. É agricultor, pai e avô. Tem filhos e filhas, assim como netos. É casado com Raimunda. Ela nasceu no povoado Parnaso, e se mudou para a Comunidade Quilombola Queimadas no ano de 1983, onde mora há 41 anos. Tem 61 anos de idade e estudou até o 2º ano do ensino médio. Se declara morena e quilombola, assim como agricultora e quebradeira de coco. Durante as conversações, ambos optaram pela gravação da entrevista.

A percepção sobre Queimadas para Raimunda¹¹⁶ alude ao fato de que é um território em que quilombolas nasceram, se criaram e constituíram família. E sublinha não ter vontade de sair da comunidade, assim como os outros quilombolas. Seguidamente, faz o seguinte relato:

Eu tenho uns filhos morando ali no Codó, mas eu não. Eles lutam muito, porque eu não sou bem sadia, mas eu não tenho vontade de sair daqui. Eu tenho muita vontade que sempre continue dando certo de nós ficarmos todo tempo reunidos aqui como nós estamos. Todo mundo aqui perto do outro né, é isso que eu quero (Raimunda, 2023).

O reconhecimento, nesse sentido, corrobora em um cenário importante para a territorialidade desenvolvida na comunidade. Conforme expressa Raimunda¹¹⁷: “*Hoje, a gente se sente feliz, ela (a comunidade) é reconhecida em muitas cidades, em muitos lugares (Raimunda, 2023).* A felicidade acerca do reconhecimento da comunidade é o um sentimento que se apresenta quando a mesma pensa sobre a sua identificação enquanto quilombola, quando expressa que se sente feliz vivenciado esse conhecer de si mesma.

E em torno da identificação dos quilombolas, Raimunda¹¹⁸ menciona a importância do processo de reconhecimento realizado por outras comunidades: “*Então eu acho importante, aqui tem muitas reuniões para gente, a gente vai assistir aquela reunião né (Raimunda, 2023).* As reuniões são atividades parte desses cotidianos em que se discutem pontos correntes acerca de Queimadas, assim como de Montabarro e Três Irmãos, as quais compõem um único

¹¹⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹¹⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹¹⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

território. Costumeiramente são realizadas nas casas dos mais velhos, uma vez que não possui sede fixa.

Ao observar a importância desse autoconhecimento que promoveu o reconhecimento para a comunidade, Raimunda¹¹⁹ pontua a ajuda que a comunidade recebeu durante a pandemia da COVID-19, em que receberam doações de cestas básicas de vereadores da cidade de Codó e de pessoas que sabiam do movimento realizado pela comunidade, e que estavam lutando conjuntamente com elas, dado que há a constatação pública da comunidade.

A constatação de que a comunidade foi reconhecida é observada de forma comparativa para Carlos¹²⁰, sobre algumas questões impostas anteriormente. Em vista das mudanças, expressa que:

Aqui, é como eu tô lhe dizendo, nós não somos sujeitos (a empresa), não. É o que eu acabei de lhe dizer agora a pouco, que se tiver um saco de arroz você não vende para engrandecer ninguém, você não tem sujeição. Sua espiga de milho, qualquer coisa que você tiver e quer vender, não tem um para dizer assim: “não! Tu não vai vender não!” (Carlos, 2023).

Nesse cenário, Carlos¹²¹ se recorda do período em que a comunidade não era reconhecida, e que, quando faziam roçados, tinham que pagar arrendamento para aqueles que se diziam proprietários da terra. Alude ao fato de não ter visto problemas com a identificação tanto para si, como para os outros quilombolas, porque trouxe benefícios. O mesmo ainda afirma não ter visto nenhum morador do setor (Queimadas) dizer: “*Eu tô me dando mal que sou quilombola*” (Carlos, 2023), uma vez que as mudanças proporcionadas são positivas em diversos aspectos.

Acerca de sua vivência, Carlos¹²² expressa que não sofreu nenhuma forma de discriminação por se reconhecer e identificar enquanto quilombola, de modo que declara:

Minha vivência é mais ou menos, mas é boa graças a Deus. Minha vivência eu vou falar, é boa, não vou dizer porque tem gente que diz: “Tô sujeito, tô aqui porque fulano de tal botou”, não, logo não tem conversa, aqui não tem conversa. Quem pegou, cabeça baixa, aí você vai para o Codó, vai pra qualquer lugar que você vai, você não tem conversa de dizer assim: “Ah fulano de tal levantou uma calunga ou levantou um fuxico”, não, não tem fuxico (Carlos, 2023).

Por fim, ao tratar sobre Queimadas, denota:

Sio, o que eu lhe conto hoje, eu lhe conto de bom. Não posso, já além de eu não ter aquela, aquela correção de tecer alguma coisa e não estar acontecendo, piorou né

¹¹⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹²⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹²¹ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹²² Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

não? Então, por algo lhe prometo, nessa tamanha sexta (18/08/2023) hoje, boa ainda. Pois é, lhe conto que ela tá boa. Não adianta você dizer uma coisa que não tá acontecendo sem dizer. O cidadão vem ne sia casa, pah me conta desse jeito, desse, desse, se ela tá dessa altura, eu vou botar dessa altura? Não senhor, só conto o que passa. E o negócio aqui é desse jeito (Carlos, 2023).

Carlos, assim como o Luís, estão entre os quilombolas mais velhos da comunidade, constituem referência do saber sobre a comunidade. Pela manhã, no momento em que conversava com a dona Maria na sala de sua residência, ela mencionou como essas pessoas eram importantes por terem uma vivência maior. Na mesma medida, pontua como todos os quilombolas compreendem a base da comunidade, tal como a territorialidade e a identidade. Maria é casada com o filho do senhor Carlos.

Maria mora na Comunidade Quilombola Queimadas desde o seu nascimento. Tem 45 anos de idade, e se declara preta e quilombola. É agricultora e também quebradeira de coco. Casada, tem filhos e é avó. Foi a primeira presidenta da Associação. Em Queimadas, é a liderança comunitária. Durante a conversação, ela optou pela gravação da entrevista.

Para Maria¹²³, o reconhecimento no âmbito institucional acaba sendo algo muito valioso, principalmente para o bem das famílias que residem na comunidade, porque não chegava nenhum benefício. Destaca como políticos (partidários) por vezes acenavam para algum suporte, entretanto, não resultaram em nada. Um dos pontos mencionados sobre a dificuldade de prover suporte, era a inexistência de uma associação, algo que mudou na medida em que a comunidade se organizou e foi reconhecida, como a mesma expressa:

Hoje na nossa comunidade a gente já conseguiu açude, poço, ah... tem vários poços dentro da comunidade, das três comunidades, e foi construído vários poços, é... a gente, quando a gente se junta pra participar de outro encontro em outras comunidades a gente tem apoio, é... tem carro para levar, pra trazer, a gente teve aqui foi seis anos que a gente teve um carro aqui direto fazendo viagem pras comunidade de Codó, das comunidades para Codó, e aí a gente tem apoio dos médicos que vem de São Luís para consultar as pessoas nas três comunidades. As pessoas têm orgulho de dizer que é comunidade quilombola, porque só é nessas três que têm esses benefícios, porque a gente se identificou, apesar de uma luta, mas a gente se identificou e hoje as pessoas têm orgulho de dizer que é quilombola. As outras comunidades próximas fica tudo olhando de lado, as vez participa também dos nossos movimentos, mas é assim, tudo meio desconfiado, até porque não estavam na luta junto com a gente, e aí eles vê o tanto de coisa que a gente já conquistou e aí eles fico olhando, é, mas as que estão dentro da comunidade tem orgulho de dizer que é comunidade quilombola porque eles tão sabendo que foi formada uma luta, não foi fácil, mas hoje sim, temos orgulho de dizer que somos quilombo (Maria, 2023).

Enquanto liderança comunitária, Maria¹²⁴ ressalta a importância dos quilombolas se identificarem como quilombolas, porque cada morador detém uma história e compreende uma

¹²³ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹²⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

raiz. São histórias e raízes que não devem ser esquecidas, como destaca, que “*não podemos deixar morrer*” (Maria, 2023). A palavra “importância” se perfaz dentro dos seus diálogos e percepções, e ganha conotações que apontam para dimensão do seu lugar na sociedade enquanto mulher preta quilombola. Assim, continua:

As pessoas veem que as pessoas negras, eu sei que tu sabe, tem muitos aí que na hora que vê um preto, já exclui, e aí, pôr a gente não ter o conhecimento de como se valorizar, de como se identificar, a gente fica excluído. Eu vejo a importância da maioria das famílias aqui na comunidade se identificarem como quilombola porque perdemos o medo de correr atrás dos nossos direitos. E aí a importância maior que eu vejo é isso, de a gente se identificar com o que a gente é, com o que a gente vive, de não ter medo de falar, de ter orgulho de dizer: “Eu sou preta, eu sou quilombo, eu também tenho vez e voz” (Maria, 2023).

Conforme relata Maria ¹²⁵, o medo era algo presente em meio às suas vivências. Expressa como o próprio medo é um fator presente nas comunidades quilombolas, na medida em que o sofrimento gerado por esse cenário de amedrontamento e tensão, acaba atingindo o posicionamento das pessoas, o querer falar sobre algo. Por não ter o conhecimento, e a possibilidade de se autoconhecer, o sofrimento acaba sendo maior, assim, destaca como esse processo: “*Deixa a gente mais atenta, de olhos mais abertos pra gente ir buscar os nossos objetivos a hora que for necessário*” (Maria, 2023). Logo, acaba sendo um processo que adentra o espaço político de autoconhecimento que é primorosamente social.

Quando caracteriza essas questões vivenciadas, Maria ¹²⁶ faz algumas colocações sobre ser quilombo e ser quilombola que, à primeira vista, pensava com estranheza pelo modo que certas pessoas lhe dirigiam palavras de caráter pejorativo.

Para muita gente que não tem o conhecimento da história da realidade, eles tiram onda da nossa cara. Os quilombolas eles chamam é, “os carambolas”, assim, tirando onda. Antes eu pensava que não era tão importante a gente ser quilombo, mas hoje eu já acho e sinto na pele que é muito importante ser quilombo, a gente conhecer a nossa história é, dos antepassados, isso é muito valioso para gente, é muito importante. Então, eu vivencio hoje, eu acho isso muito importante, eu me sinto muito bem, até porque muitas pessoas acham que os quilombolas são... tem muitos que acha que os quilombolas são bicho do mato e nós temos nosso direito, todos nós temos os direitos de viver, de ter o que a gente sonha, e aí as pessoas por medo de falar, por medo de se identificar, por medo de correr atrás do direito, é, ficam tudo ali num cantinho de boca calada (Maria, 2023).

E complementa, ao traçar do movimento que perfaz sua identidade, desenvolvido pela sua ligação histórica, cultural e política à comunidade Queimadas, de modo que sobreleva:

A partir da hora que a gente começou a se identificar, a valorizar nossa história, a gente, eu pelo menos, perdi o medo de andar, de falar, porque sabemos que nós temos esse direito, porque o direito é de todos e nós o temos, e nós temos que correr atrás,

¹²⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

¹²⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 17 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

então eu me sinto muito bem. A partir do tempo que a gente começou a se valorizar, dizer: “Eu sou quilombola e eu corro atrás do meu direito”, a partir dessa hora, desse tempo que a gente começou a buscar conhecimento, eu me sinto muito bem por ser quilombola, e tenho orgulho de dizer, sou quilombola! E se tiver direito e der pra mim ir buscar, onde for, eu vou sem medo de falar para nenhuma pessoa (Maria, 2023).

Dentre estas narrativas, que descrevem parte das vivências dos quilombolas, é possível observar como a territorialidade da Comunidade Quilombola Queimadas representa um espaço de construção histórica e cultural. A terra como lugar de luta, construção de memórias e vínculos que nutrem a organização sociopolítica desenvolvida em torno de pressões, sejam elas internas ou externas, desvela a dinamização social da comunidade. Da mesma forma, reflete os elementos que constituem e representam as identidades quilombolas em Queimadas.

É necessário se ater à amplitude sociopolítica da comunidade quilombola, do quilombo. Maria Beatriz Nascimento (2006) ressalta que, simbolicamente, a comunidade quilombola representa uma atuação contra as imposições dos poderes dominantes, assim como uma frente crítica às desigualdades sociais impostas. Nesse sentido, sua dimensão simbólica, pode ser compreendida como um geossímbolo¹²⁷ (Bonnemaison, 2004), na medida em que a dimensionalidade do território representa um fortalecimento da identidade e suas potencialidades.

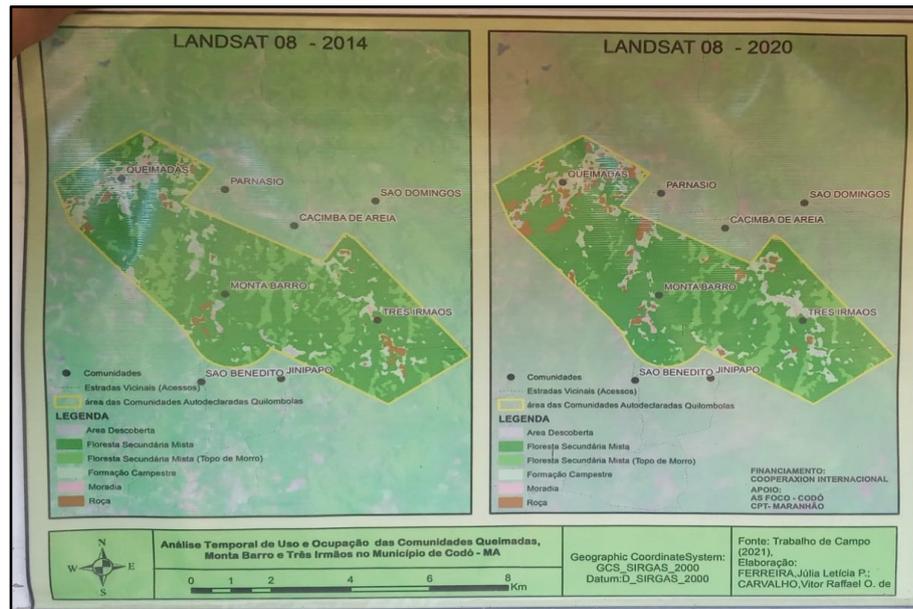
A identidade quilombola e os seus elementos caracterizam dinâmicas histórico-sociais, e aludem a importância do seu reconhecimento diante das diferentes problemáticas do mundo contemporâneo, elementos que estão presentes na identidade dos quilombolas de Queimadas, dentre os quais é possível contemplar três: a terra; a memória, e o conflito.

3.1.1. Terra, memória e conflito

A terra, a memória e o conflito atendem a dimensão da identidade quilombola, expressados pelas narrativas das vivências dos quilombolas de Queimadas. Norteiam a análise problematizadora do campo social quilombola que perfaz este estudo, uma vez que constituem elementos centralizadores para se pensar o referido campo. A percepção sobre os elementos atravessa os processos de formação, reconhecimento e organização da comunidade, os quais estão indissociavelmente atrelados à identidade, de tal modo que se articulam a dinâmica social quilombola que jaz no território brasileiro, e se perfaz sob a amálgama do Estado e da sociedade.

¹²⁷ Ao analisar o campo cultural e simbólico presente no espaço territorial, Jöel Bonnemaison cunha o termo geossímbolo, que “pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (Bonnemaison, 2004, p. 109).

Figura 10: Mapa do Uso Temporal das comunidades associadas



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Dessa maneira, a terra reverbera a importância do território para os quilombolas da comunidade Queimadas. Simone Raquel Batista Ferreira (2009) destaca que, para as comunidades quilombolas, a territorialidade é construída em torno do território. O território expressa a identidade e o sentido de pertencimento desenvolvido material e simbolicamente, é um lugar de produção e reprodução de existências, em que se constituem afetividades e experiências. Os quilombolas vivem em torno dos processos territoriais, e o seu produto, em uma organicidade que gera ação entre os diversos atores que modificam as relações sociais e as relações com a natureza.

A figura (figura 10) em que se destaca o mapa, logo acima, compreende essas modificações em Queimadas, Três Irmãos e Montabarro. É um mapa elaborado com auxílio da CPT, o qual resulta das medidas realizadas pelos quilombolas das comunidades. Ele apresenta um panorama temporal do uso e da ocupação das comunidades associadas, em que é possível observar a área das comunidades autodeclaradas, tal como as moradias, roças e o bioma local. Sua construção intenciona gerar conhecimento sobre completude do lugar. Que no momento pode ser delimitado com estas comunidades, mas que pode sofrer mudanças dentro desse movimento contínuo de articulações na dada área.

Logo, o território compreende uma fronteira para os quilombolas de Queimadas, na qual expressam seus modos de vidas e suas identidades. E como ressalta Sandro José da Silva (2006, p. 277), uma fronteira em que “[...] indivíduos e os grupos assimilam o território de múltiplas

maneiras, recriando-o, assimilando-o e transformando-o como forma de conferir sentido às suas práticas”.

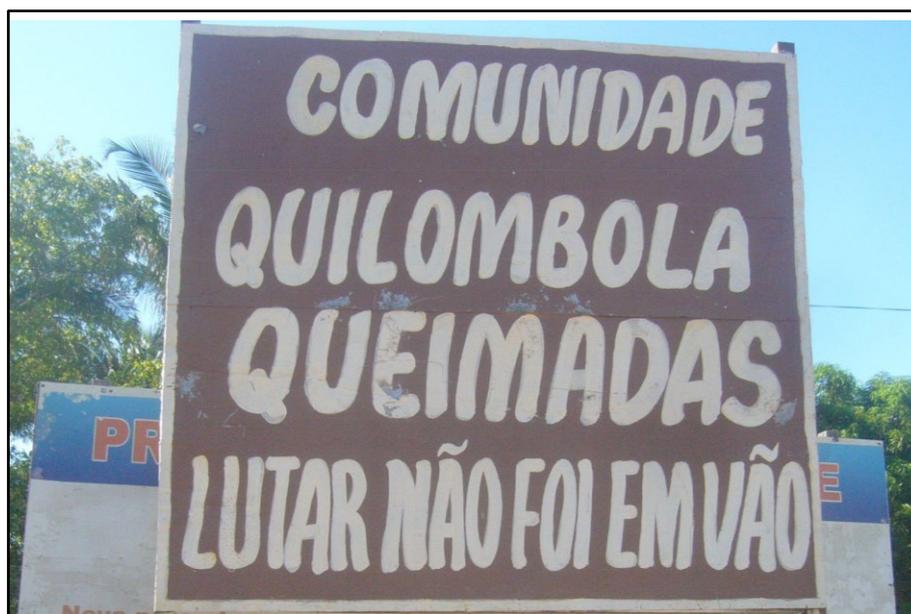
A territorialidade, como expressa Ferreira (2009), é sustentada pela memória viva da ancestralidade e suas histórias, como bem-visto em Queimadas. Este fator aponta para a memória enquanto ponto pertinente da identidade dos quilombolas da comunidade, uma vez que, como sublinha Michael Pollak (1992, p. 5, grifo do autor):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A partir das narrativas tecidas pela memória, os quilombolas compreenderam essas experiências que outrora fizeram e fazem parte da comunidade. Nesse sentido, nas narrativas dos quilombolas se percebe a longevidade da oralidade, cuja história perpassa os mais velhos, os primeiros quilombolas que se localizaram em Queimadas, até chegar na geração atual.

Em Queimadas, a memória flexiona o movimento coletivo em torno da identidade. As experiências narradas pelos quilombolas durante as reuniões formativas, corroboram essa faceta. Os relacionamentos construídos em torno da terra e do grupo, revelam essas memórias que interligam os quilombolas, e os movimentam diante de forças sociais.

Figura 11: Comunidade Quilombola Queimadas, lutar não foi em vão



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

As narrativas rememoradas, integram os processos de autoconhecimento e propõem novas percepções coletivas acerca das diferentes propensões sociais que se apresentam, como a questão do conflito. Rosa Elizabeth Acevedo Marin (2021, p. 54), pontua como “a existência

coletiva em situação de conflito social atribui novo significado à identidade quilombola”, algo que intenta Queimadas, dada a pressão conflituosa que lhe acomete.

Maria de Lourdes Bandeira (1990) assinala como a relação desenvolvida com a terra pelas comunidades rurais quilombolas, ocorreu coletivamente de forma histórica e social, não se atendo ao campo da esfera do direito privado. De tal modo, a luta pela terra - pela territorialidade construída - se apresenta enquanto questão fundamental para os quilombolas de Queimadas. Todavia, há de se destacar que conflitos de interesses perpendiculares à questão da legitimidade da terra são latentes, e como destacam Fausy Vieira Salomão e Cristina Veloso de Castro (2018, p. 249), a incisão do conflito expressa “[...] a efetividade de direitos aos seus territórios, a preservação e a perpetração de suas identidades”.

A figura logo acima (figura 11) destaca essa proporcionalidade do conflito. A placa aponta para o movimento de luta realizado por Queimadas, quando a empresa ainda realizava atividades na comunidade, e entoa essa sobreposição simbólica da força. O “lutar não foi em vão”, aponta para o processo incisivo da identidade dos quilombolas, e sua importância.

Se torna premente como a terra, a memória e o conflito corroboram nos processos histórico-sociais vivenciados pelos quilombolas da Comunidade Quilombola Queimadas. São elementos parte de suas identidades que entoam narrativas sobre suas histórias, existências e suas potências. Narrativas que tecem a dimensão do território, das relações, do viver. E no desvencilhar desses elementos, é possível se ater a fala do Luís¹²⁸, o qual aponta para uma compreensão que os perpassa, e encerra a questão da importância do reconhecimento da identidade quilombola para os quilombolas da comunidade.

A gente, quando mora em um lugar há muito tempo, nasce e se cria ali, a gente conhece o rio, conhece as lagoas, conhece os matos de trabalhar, você sabe se para cá é bom de arroz, se para cá tem muita caça. Então a gente ficou naquele negócio de não querer sair, aí foi como a gente se organizou para formar a comunidade, se agrupar e fazer isso né, para mostrar a identidade da gente, que a gente era daqui, a gente não era de outro lugar, a gente era daqui, não queria sair daqui e, não queria e não podia sair, porque a gente, só em pensar em sair a gente já ficava com medo: “Não sei para onde eu vou”, porque a gente já era acostumado. Quando você, digamos assim, você sai lá da sua casa, para vir morar aqui, você não se acostuma logo. E é o caso da gente, então a gente formou a comunidade, é que se agrupou para fazer, mas que já vinha de muitos anos esse povo daqui que ninguém foi embora daqui os velhos nasceram, os que vieram embora, os primeiros, há duzentos anos atrás, foi ficando aqui, aí foi tendo as famílias, foi crescendo família, filho, neto, bisneto e morando aqui, ninguém sai daqui (Luís, 2023).

É possível compreender a importância do reconhecimento da identidade dos quilombolas, principalmente em função da territorialidade desenvolvida. Por meio das

¹²⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 18 de agosto de 2023, na Comunidade Quilombola Queimadas, município de Codó - MA.

narrativas dialógicas, se compreende a função e a dimensão desses processos formativos de reconhecimento sociopolítico dos quilombolas, uma vez que são movimentos que incidiram das vivências dos quilombolas de Queimadas.

Queimadas como realidade local, é afetada pelos processos globais do mundo capitalista, de modo que expressa o fator da dinâmica do mundo capitalista e neoliberal. Nessa medida, as movimentações realizadas pelos quilombolas da comunidade, compreendem as sociabilidades que externam as problemáticas e contradições do mundo contemporâneo.

As histórias que abarcam esses movimentos realizados em Queimadas enfrentam o discurso da inércia. Inertes porque, por vezes, não possuem visibilidade, mas sofrem com tentativas de apagamento de sua história. Ainda assim, se posicionam dentro desses processos sociopolíticos, se reconhecendo, resgatando sua história dentre outras histórias, as quais apresentam essa potencialidade do conhecimento diante das contravenções vividas há anos pelas populações negras no Brasil.

Portanto, a identidade quilombola para os quilombolas de Queimadas, sua identificação, retorna ao direcionamento histórico e as dinâmicas sociais que lhe conferem movimento: a necessidade da regularização fundiária dos territórios quilombolas tradicionalmente ocupados como fator primordial para suas existências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a oportunidade de realização deste trabalho na Comunidade Quilombola Queimadas, acredito que trouxe reflexões importantes para compreender a funcionalidade da dinâmica social que se apresenta aos quilombolas presentes na vasta extensão territorial brasileira. E por entre esses caminhos, o longo fio histórico liga as comunidades do passado com as do presente.

Conhecer os processos históricos e formativos através das narrativas rememoradas pelos quilombolas perpassa o reconhecer desse fio, que foi tecido na história através da memória. Um fio que também converge na construção e no reconhecimento das identidades e dos territórios quilombolas, que reverberam a complexidade do mundo agrário ante as comunidades rurais negras.

As narrativas dos quilombolas da Comunidade Quilombola Queimadas constituem alicerce para o conhecimento de sua identidade e os movimentos que realizou. É possível perceber, durante o movimento textual deste trabalho, as mudanças que ocorreram em meio às forças sociais que se apresentaram na comunidade, o que alude pensar a importância do reconhecimento da identidade no campo da teoria social. Tal como, rememorar o caminho da narrativa textual que nos fez chegar até aqui.

Durante a progressão dos capítulos, articulei os campos teóricos sobre identidade e reconhecimento com finalidade de construir um debate sobre o campo histórico social e político que além a identidade cultural, nesse dado, a identidade quilombola. Na medida, se nota como a história abarca a instância formativa da identidade, e como tal, recobre a diferença dentro de um movimento discursivo homogêneo, algo que alude a funcionalidade do Estado, que não está dissociado do campo político econômico global.

O Estado-Nação brasileiro por muito tempo contemplou, de forma mínima, o que advém do negro dentro de suas articulações no seio político. Se outrora falar sobre identidade quilombola é falar sobre a comunidade rural quilombola, é interessante apontar o fator da marginalização do campo político que sofreu.

A comunidade quilombola nesse meio, é uma comunidade negra, uma comunidade rural. Historicamente, a comunidade quilombola representou resistência diante das sujeições que se apresentaram diante do negro, questão que recai nas consequências da estrutura moderna montada há mais de 300 anos, que sucessivamente ataca existências, moralidades e subjetividades negras e quilombolas. Embora estivessem longe das medidas proteladas pelo Estado, as comunidades rurais quilombolas e os quilombolas, se moveram.

Dentro da situação de repressão sociopolítica, essas pessoas não ficaram estagnadas. Elas se encontram, se movem, vivem e resistem em face da indiferenciação, não apenas pelo Estado, como pela sociedade brasileira, de modo que lançam luz às potencialidades de suas identidades.

O cenário compreende a Comunidade Quilombola Queimadas, de modo que há destaque nas narrativas vivenciadas pelos quilombolas, por constituírem a amplitude do território quilombola ante a face da dinâmica social quilombola no Brasil. Território de resistência, vivência, reconhecimento e de potencialização em meio às adversidades do mundo multicultural globalizado.

Dessa maneira, compreendo que o objetivo do trabalho foi alcançado na medida em que o trajeto elaborado para a execução do mesmo trouxe uma dimensionalidade dos processos que atém às comunidades rurais quilombolas no Brasil. Queimadas é parte dessa diversidade, que por vezes não é contemplada, se encontra, se move, vive e resiste.

Outrossim, para saber a importância da identidade para os quilombolas e os elementos que fazem parte dela, é necessário saber qual a história da comunidade e os seus processos sociais. A história é questão-problema para muitas comunidades quilombolas no Brasil, principalmente pela documentação quase inexistente que comprove a presença que as mesmas detêm sobre as terras onde se fixaram há muitos anos.

Um dos pontos que a liderança comunitária de Queimadas me falou quando me deslocava para conversar com os quilombolas, foi a importância do registro da memória oral. De tal forma, percebo como as fontes orais proporcionaram uma forma de compreender as experiências dos quilombolas através de suas narrativas. Há de se destacar que nem todos os quilombolas tiveram a oportunidade de estudar, os mais velhos só aprenderam a escrever o nome. Assim, observo que tratar de falas e não de escritas acabou sendo um ponto pertinente durante o processo metodológico.

Ao tratar dos processos de formação histórica, das questões de reconhecimento e a organização de Queimadas, acredito que a questão objetivada pela liderança fora contemplada. São processos intrinsecamente ligados à construção e ao reconhecimento da identidade para os quilombolas da comunidade. Fato do qual compreendo a importância da história oral, a qual promoveu uma densidade às narrativas tecidas pelas memórias e vivências dos quilombolas.

Em relação aos elementos que constituem a identidade para os quilombolas, percebo principalmente as ligações que compreendem a organização da comunidade. As reuniões formativas que constituem um movimento de autoconhecimento demonstram o ponto nodal da necessidade do reconhecimento da identidade para os quilombolas. Assim, acaba sendo a

principal questão observada na dinâmica social que rege o fator político da identidade quilombola, a sua atuação na esfera da constatação pública.

Consigo compreender que alguns fatores acabaram não sendo tão bem desenvolvidos. O protagonismo da liderança comunitária e a questão de gênero, uma vez que evidentemente há uma mulher preta quilombola que movimenta a estrutura em prol dos seus direitos e dos outros quilombolas da comunidade. E como os aportes metodológicos poderiam ser mais incisivos em relação às formas com que foram utilizados, acredito que poderiam ser mais bem trabalhados, como a questão da análise da documentação sobre a comunidade: o histórico; e o estatuto, e os processos dialógicos e de campo. Observo que são fatores que podem ser revistos em uma futura progressão da pesquisa. A qual poderá contemplar as trajetórias de autorreconhecimento dos quilombolas, principalmente, das lideranças comunitárias, atores políticos no rol da dinâmica contemporânea de financeirização do Estado, da sociedade e das relações sociais.

Por fim, considero que a construção deste estudo sobre identidade quilombola na Comunidade Quilombola Queimadas, em Codó, permite observar o dinamismo das comunidades rurais quilombolas brasileiras, com suas histórias e sociabilidades. Tal como é uma contribuição para os estudos antropológicos, históricos e sociológicos em torno da Região do Cocais. Este trabalho proporciona uma análise sobre o reconhecimento da identidade quilombola e a potencialidade dos seus elementos. Logo se caracteriza como fator de visibilidade para as experiências de formação de identidades, territorialidades e reconhecimentos dos quilombolas que se encontram local e globalmente diante das relações sociais e raciais, políticas e econômicas, e históricas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. B. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.
- ALMEIDA, A. W. B. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto**: terras tradicionalmente ocupadas, 2. ed., Manaus: PGSCA, UFAM, 2008.
- ARAÚJO, F. J. Estudo de comunidade e história oral. **Cadernos de Campo** (UNESP), Araraquara, SP, v. 1, n.5, p. 43-62, 1999.
- ARAÚJO, M. R. Notícias sobre os quilombos no Maranhão. In: MOURA, C. (Orgs.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Macció: EDUFAL, 2001.
- ASSUNÇÃO, M. R. A memória do tempo de cativo no Maranhão. **Tempo**, Niterói, v. 15, n. 29, p. 67-110, 2010.
- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BANDEIRA, M. L. Terras Negras: invisibilidade expropriadora. In: **Terras e territórios Negros no Brasil**. Textos e Debates. Publicação do Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas, ano I, nº 2. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 1990.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 83-131 (Série Geografia Cultural).
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 fev. 2023.
- BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Diário Oficial da União**, Portaria nº 42, de 10 de março de 2015.
- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Tambor de Crioula**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Tambor%20de%20Crioula.pdf> Acesso em: 24 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Programa luz para todos**. Disponível em: <https://www.gov.br/mme/pt-br/destaques/Programa%20Luz%20para%20Todos>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- CANTANHEDE F, A. A pesquisa antropológica nos quilombos: uma experiência. In: CANTANHEDE F, A. [et. al]. **O incra e os desafios para a regularização dos territórios quilombolas**: algumas experiências. Brasília: MDA: Incra, 2006.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2003.** Goiânia: CPT Nacional, 2003.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2004.** Goiânia: CPT Nacional, 2004.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2005.** Goiânia: CPT Nacional, 2005.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2006.** Goiânia: CPT Nacional, 2006.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2007.** Goiânia: CPT Nacional, 2007.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2008.** Goiânia: CPT Nacional, 2008.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2009.** Goiânia: CPT Nacional, 2009.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2010.** Goiânia: CPT Nacional, 2010.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2011.** Goiânia: CPT Nacional, 2011.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2012.** Goiânia: CPT Nacional, 2012.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2013.** Goiânia: CPT Nacional, 2013.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2014.** Goiânia: CPT Nacional, 2014.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2015.** Goiânia: CPT Nacional, 2015.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2016.** Goiânia: CPT Nacional, 2016.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2017.** Goiânia: CPT Nacional, 2017.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil: 2018.** Goiânia: CPT Nacional, 2018.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil**: 2020. Goiânia: CPT Nacional, 2020.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil**: 2021. Goiânia: CPT Nacional, 2021.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo Brasil**: 2022. Goiânia: CPT Nacional, 2022.

CRUIKSHANK, J. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ESTATUTO SOCIAL. ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES E PRODUTORAS RURAIS NA AGRICULTURA FAMILIAR DOS POVOADOS TRÊS IRMÃOS, QUEIMADAS E MONTABARRO – CODÓ, MA. Documento da unidade associativa dos povoados, com disposições sobre a denominação, sede, finalidade e duração. Codó, MA, 07 de setembro de 2011.

FERREIRA, S. R. B. **“Donos do lugar”**: a territorialidade quilombola do Sapê do Norte – ES. Niterói, 2009.

FIABANI, A. Os quilombos contemporâneos maranhenses e a luta pela terra. Estudos Históricos, CDHRP, nº 2, agosto, 2009.

FCP. Fundação Cultural Palmares. **CERTIDÕES EXPEDIDAS ÀS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS (CRQs)**. Disponível em: https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/copy_of_CRQs_CERTIFICADAS_versao_31_01_241.pdf Acesso em: 23 jul. 2023.

GOMES, F. S. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. – 1. ed., São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES, F. S. **A hidra e os pântanos**: quilombos e mocambos no Brasil (secs. XVII-XIX). 1997. 773f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Brasil, 2003.

HISTÓRICO. TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE QUEIMADAS, TRÊS IRMÃOS E MONTABARRO, ZONA RURAL DE CODÓ, ESTADO DO MARANHÃO. Documento

de autodefinição das comunidades enquanto quilombos encaminhados à Fundação Palmares como requerimento para expedição da certificação de comunidade remanescente de quilombo. Codó, MA, 15 abr. 2014.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**: quilombolas: primeiros resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **TÍTULOS EXPEDIDOS ÀS COMUNIDADES QUILOMBOLAS**. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/titulos_quilombolas_nov_2021.pdf Acesso em: 24 ago. 2023.

LEITE, I. B. O quilombo no Brasil: questões conceituais e normativas. **Textos e Debates**, Núcleo de estudos sobre identidade e relações interétnicas (NUER), n° 7, Florianópolis: NUER/ UFSC, 2000.

LEITE, I. B. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. In: ALMEIDA, A. W. B. (Orgs)... [et al]. **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: territórios quilombolas e conflitos**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LOWE, L.; LLOYD, D. Introduction. In: LOWE, L.; LLOYD, D. (Edit.) **The politics of Culture in the Shadow of Capital**. Durham & London, New York, USA: Duke University Press, 1997.

MAPA DE PONTOS D'ÁGUA DO MUNICÍPIO DE CODÓ - MA, Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea no Estado do Maranhão, Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Residência de Teresina (RETE), Departamento de Hidrologia (DEHID), Governo do Estado do Maranhão, 2011.

MARIN, R. E. A. Estratégias dos Quilombolas de Jambuaçu e Projetos da Vale S.A. no Moju, Pará. In: ALMEIDA, A. W. B. (Orgs)... [et al]. **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: territórios quilombolas e conflitos**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

MEIRELES, M. C. Braços para o trabalho! A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, os escravos africanos e a inserção do Maranhão na rota das trocas internacionais na segunda metade do século XVIII. In: FERREIRA, M. M. G.; FERRERAS, N. O.; ROCHA, C. C. (Orgs.). **Histórias Sociais do Trabalho: usos da terra, controle e resistência**. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3. ed., São Paulo: Editora Ática, 1993.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico dos quilombos em África. In: MOURA, C. (Orgs.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Macció: EDUFAL, 2001.

NASCIMENTO, M. B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTTS, A. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza/ Imprensa Oficial, 2006.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa sobre COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em: 08 ag. 2023.

POLLAK. M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PVN/ CCN-MA. A luta das comunidades negras Quilombolas do Brasil pela efetivação de seus direitos. In: ALMEIDA. B. W. A. (Orgs)... [et al]. **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: territórios quilombolas e conflitos**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

RATTTS, A. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial, 2006.

REZENDE-SILVA, S. A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola. **Revista NERA** (UNESP), ano 14, nº 19, p. 73-89, 2011.

SALOMÃO, F. V.; CASTRO, C. V. A Identidade Quilombola: Territorialidade Étnica e Proteção Jurídica. **Cadernos Do Programa De Pós-Graduação Em Direito – PPGD/ UFRGS**, 13(1), 2018.

SANTOS, B. S.; NUNES, J. A. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, B. S (org.). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 13. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, J. C. A.; LIMA, J. S. A violência contra os camponeses e camponesas no Maranhão durante as décadas de 1980 e 1990. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, e54811427572, 2022.

SILVA, S. J. Quilombolas no Espírito Santo: identidade e territorialidade. **Revista de História** (UFES), Vitória, v. 18, p. 272-300, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, L. T. S. A imprensa e o arroz de cuxá. In: Anais do Encontro Regional da ANPUH - MA. Anais... São Luís (MA) Prédio da História, UEMA, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/eanpuhma/581564-A-IMPRESA-E-O-ARROZ-DE-CUXA>. Acesso em: 23/11/2023.

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SKIDMORE, T. E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SKIDMORE, T. E. **Uma história do Brasil**. 4. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2003.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, E. **Capitalismo e escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) INFORMANTE

| |
|-----------------------------|
| NOME: |
| ENDEREÇO: |
| NATURALIDADE: |
| IDENTIDADE DE COR: |
| ESCOLARIDADE: |
| ORGANIZAÇÕES QUE PARTICIPA: |
| OUTROS: |

APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Qual a história da Comunidade Quilombola Queimadas?
- 2) Como a comunidade está organizada?
- 3) Quais os tipos de manifestações culturais presentes na comunidade (as festividades)? Quais você participa?
- 4) Quais as principais atividades econômicas (do que as pessoas vivem)? Quais você realiza?
- 5) Como ocorreu o processo de reconhecimento da comunidade enquanto remanescente de quilombo? Você participou?
- 6) Quais eram as principais lideranças? Você conhece alguma?
- 7) Houve apoio para esse reconhecimento? Quais?
- 8) Qual a importância da comunidade ser reconhecida?
- 9) Qual a importância do auto reconhecimento da comunidade (das pessoas se identificarem)?
- 10) Como o(a) senhor(a) se identifica?
- 11) Qual a importância da identificação do senhor como quilombola?
- 12) Como o(a) senhor(a) vivencia a sua identidade quilombola atualmente?
- 13) Durante a trajetória de vivência na comunidade o(a) senhor(a) passou por algum tipo de discriminação por ser reconhecido como quilombola?
- 14) Qual o significado da Comunidade Quilombola Queimadas para você?

ANEXOS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A
COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu, **Antônio Paulo** autorizo o uso das informações e das imagens concedidas ao trabalho de pesquisa **IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA**, do aluno David dos Santos Lima, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Codó.

Codó - MA, 18 de agosto de 2023.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A
COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu, **Edson Cardoso da Conceição** autorizo o uso das informações e das imagens concedidas ao trabalho de pesquisa **IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA**, do aluno David dos Santos Lima, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Codó.

Codó - MA, 17 de agosto de 2023.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A
COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu, **Luiz da Conceição** autorizo o uso das informações e das imagens concedidas ao trabalho de pesquisa **IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA**, do aluno David dos Santos Lima, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Codó.

Codó - MA, 18 de agosto de 2023.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A
COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu, **Maria da Conceição Barbosa dos Santos** autorizo o uso das informações e das imagens concedidas ao trabalho de pesquisa **IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA**, do aluno David dos Santos Lima, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Codó.

Codó - MA, 18 de agosto de 2023.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A
COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu, **Maria Romana da Costa Silva** autorizo o uso das informações e das imagens concedidas ao trabalho de pesquisa **IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA**, do aluno David dos Santos Lima, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Codó.

Codó - MA, 17 de agosto de 2023.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A
COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu, **Raimundo Nonato do Carmo** autorizo o uso das informações e das imagens concedidas ao trabalho de pesquisa **IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA**, do aluno David dos Santos Lima, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Codó.

Codó - MA, 17 de agosto de 2023.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

CAMPUS CODÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS CODÓ

ENDEREÇO: AV. DR. JOSÉ ANSELMO, 2008, CODÓ/ MA - CEP: 65400-000

CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

TÍTULO DO TRABALHO: IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A
COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA

DISCENTE: David dos Santos Lima

ORIENTADORA: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Eu, **Maria da Paixão Ferreira da Silva** autorizo o uso das informações e das imagens concedidas ao trabalho de pesquisa **IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA QUEIMADAS NO MUNICÍPIO DE CODÓ, MA**, do aluno David dos Santos Lima, sobre orientação da Profa. Jascira da Silva Lima, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Codó.

Codó - MA, 17 de agosto de 2023.